acidadaniaebrincar

Ensaio sobre cidadania infantil e desenvolvimento de ferramentas de escuta lúdica para a cidade de Sobral

Elaborado por Rosilene Alves, sob orientação de Patrícia Alonso

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Tecnologia
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

a cidadania e o brincar

ensaio sobre cidadania infantil e desenvolvimento de ferramentas de escuta lúdica para a cidade de Sobral

João Pessoa - PB
2025

Trabalho de Conclusão de Curso

Elaborado por Rosilene Alves de Alburquerque,
com orientação de Patrícia Alonso de Andrade

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A345c Albuquerque, Rosilene Alves de.
A cidadania e o brincar: ensaio sobre cidadania infantil e desenvolvimento de ferramentas de escuta lúdica para a cidade de Sobral / Rosilene Alves de Albuquerque. - João Pessoa, 2025.
79 f.

Orientação: Patrícia Andrade.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. cidadania infantil. 2. infância. 3. brincar. 4. educação. 5. cultura do medo. I. Andrade, Patrícia. II. Título.

UFPB/BSCT CDU 72(043.2)

Elaborado por ROSANGELA GONCALVES PALMEIRA - CRB-216

"Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?

Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?

Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia."[1]

Carlos Drummond de Andrade

.....

1 Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 20 de julho de 1974

Dedico este trabalho especialmente à Pequena Rosy. Espero que eu esteja sendo uma boa cuidadora para você e que você se divirta quando eu te levo pra brincar e passear pelas cidades. Espero que um dia possamos andar as duas juntas e livres, sem medo, por aí, sem rumo, guiadas seja pelos batuques dos tambores da Bahia ou pelo cheiro de alho refogado. Que encontremos infinitas surpresas urbanas pelo caminho: um pôr do sol dourado, uma roda de samba, um sax, um brega, um carnaval, uma feirinha, um chorinho, um pixo, um amigo, um vendedor de algodão doce, uma casinha antiga simpática, um gatinho laranja de casaco amarelo, um filodendro majestoso subindo o beco.

O mundo é hostil, mas também acolhedor e bonito. Coragem, pequena. E nunca deixe de brincar.

agradecimentos

A painho (*in memoriam*), que me ensinou que nunca é tarde para ser criança e que o amor e a paciência são transformadores.

À Rosi, minha *irmãe*, sempre minha maior apoiadora, meu afago na tempestade e meu maior exemplo.

À mainha, com ressalvas, mas também com misericórdia, por me ensinar sobre firmeza e a força da mulher guerreira.

Ao meu companheiro, meu porto seguro, que despertou mais uma vez a criança em mim e a incentiva constantemente a brincar livre.

A mim, por ter confiado na minha capacidade e por ter deixado a Pequena Rosy se expressar.

Aos meus queridos amigos, por me mostrarem o poder que tem se sentir pertencente e querida.

Por fim, durante estes quase 10 anos de curso, agradeço às mulheres inspiradores e, por sorte, minhas mentoras, Marília Dieb, Patrícia Alonso e Amélia Panet, e aos pioneiros que trilharam trabalhos fora da curva usual dos TCCs de Arquitetura e Urbanismo.

resumo

O presente trabalho investiga como a relação entre criança e cidade influencia no pleno exercício da cidadania infantil. Para isso, discorre sobre o silenciamento da infância e a invalidação das crianças como atores políticos, e explora alguns mecanismos da conjuntura política-social que sustentam esse cenário. De modo a compreender a criança em suas formas de expressão particulares, o brincar é um tema também explorando neste escrito. Por fim, a discussão desemboca em uma série de encontros com crianças de uma escola particular na cidade de Sobral-CE, nos quais são realizadas brincadeiras a fim de apreender melhor como as crianças se comunicam. Inspirado na experiência junto com esse grupo de crianças, foi desenvolvido um caderno de atividades, com intuito de figurar como ponte entre crianças e adultos, como meio de divulgar as demandas e percepções particulares da infância sobre a cidade em que moram.

Palavras-chave: infância; cidadania infantil; brincar; educação; cultura do medo.

abstract

This paper investigates how the relationship between children and the city influences the full exercise of children's citizenship. To this end, it discusses the silencing of childhood and the invalidation of children as political actors, and explores some mechanisms of the political-social context that support this scenario. In order to understand children in their particular forms of expression, play is also a theme explored in this paper. Finally, the discussion leads to a series of meetings with children from a private school in the city of Sobral-CE, in which games are played in order to better understand how children communicate. Inspired by the experience with this group of children, an activity book was developed, with the aim of serving as a bridge between children and adults, as a means of disseminating the particular demands and perceptions of children about the city in which they live.

Keywords: childhood; children's citizenship; play, education; culture of fear.

Altiplano Cabo Branco, 2018

sumário

prólogo

o que me trouxe até aqui 8

diário de bordo 10

notas sobre pesquisas com crianças
(ou manual de falar infantil) 11

introdução

apresentando a problemática e os objetivos 14

sobre o método 20

discussão

cidades para crianças 26

o brincar como ponte 35

contexto

sobral 40

fulanear 44

encontros e sobrincar

encontro 01 56

encontro 02 60

encontro 03 64

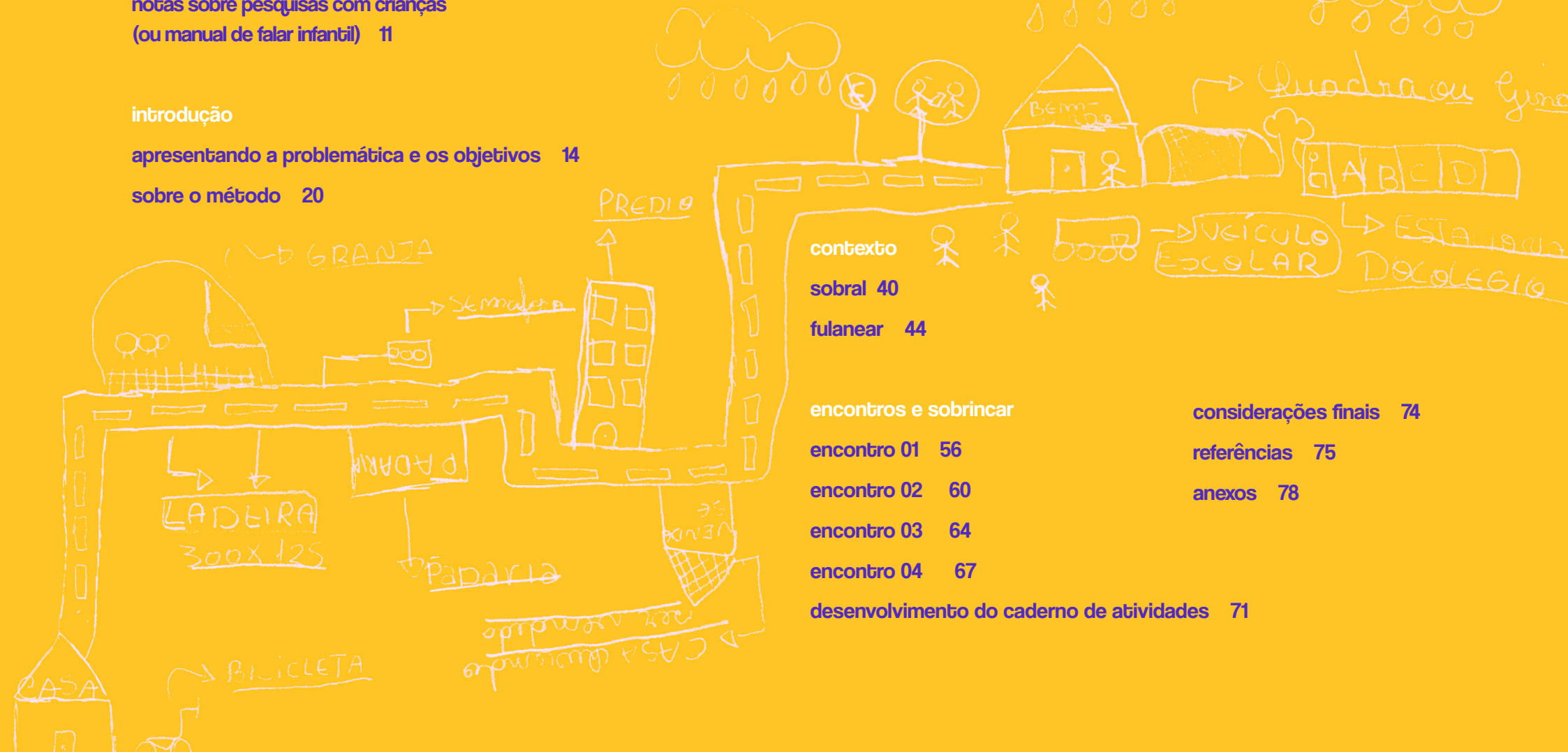
encontro 04 67

desenvolvimento do caderno de atividades 71

considerações finais 74

referências 75

anexos 78



prólogo

o que me trouxe até aqui

Ao longo do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPB, passei por duas experiências que me sensibilizaram acerca da vivência urbana infantil e foram essenciais para a existência do presente trabalho.

A primeira delas, na disciplina de Desenho Urbano I, ministrada pelas professoras Marcele Trigueiro e Lucy Donegan, no ano de 2018. Um dos trabalhos dessa disciplina envolvia o diagnóstico de um setor do bairro Altiplano Cabo Branco. Meu grupo ficou responsável por um setor não tão glamourizado quanto os cartões postais de torres altíssimas que vêm à nossa cabeça quando falamos nesse bairro. Era um setor de ocupação irregular, muito carente de serviços básicos, mas que se revelou de uma riqueza absurda em termos de relações de comunidade e cultura própria. Aquela foi uma das primeiras surpresas urbanas que me marcaram durante o curso.

Essa área englobava uma escola pública, onde as crianças da comunidade estudavam. Como parte do diagnóstico, aplicamos mapas mentais, com a sugestão de que as crianças desenhassem os trajetos de casa até a escola. O resultado foi surpreendente, pois as crianças tinham a sensibilidade de perceber, em um percurso tão curto, à pé, elementos que nós, estudantes formais de Urbanismo, com olhos cirúrgicos, não conseguíamos. Ali despertou a pulga na orelha que carrego até hoje e creio que carregarei para sempre. Fiquei fascinada com essa percepção particular das crianças e também pensei que nunca havia refletido sobre o lugar da criança como cidadã, como parte da cidade.

No ano seguinte, em 2019, surgiu a extensão Cidade e Cidadania, sob a supervisão da professora Amélia Panet, que propunha a elaboração de cartilhas sobre urbanismo, voltadas para crianças. Passei cerca de 2 anos na equipe, parte desse tempo como bolsista, gerenciando, majoritariamente, o Grupo de Trabalho de Comunicação Visual, responsável pela parte gráfica das cartilhas. Nesse processo, também aplicamos mapas mentais semelhantes aos realizados em DUI, dessa vez, em uma escola pública no bairro Anatólia. Os resultados, assim como na situação anterior, foram fascinantes, confirmei que as crianças tem olhos que alcançam o que os adultos não conseguem alcançar. Como se elas lessem mais do que o concreto, mas enxergassem a alma das coisas e toda a infinitude do que podem ser, limitadas apenas pela ilimitação da imaginação. Escrevendo isso, me recordo de uma frase de Gabriel García Marquez, dita pelo personagem Melquíades, um cigano metido a alquimista, a José Arcádio, exímio curioso *bulidor:*

> As coisas tem vida própria. [...] É só questão de despertar suas almas. (García Márquez, 2021, p. 9)

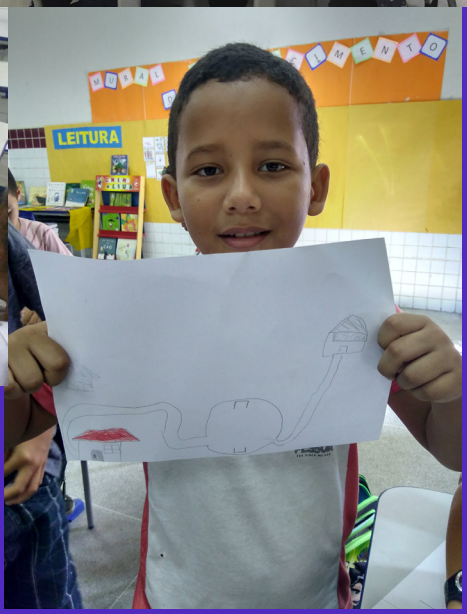
E acredito que as crianças dominam a arte de despertar a alma das coisas como ninguém.

Quase que em paralelo, no ano de 2021, comecei a trabalhar com ilustração para livros infantis. Depois de quase duas décadas da vida estudando a técnica do desenho, percebi que meu maior desafio ali não seria acertar a perspectiva de uma casa, mas entender como falar *com* uma criança, ou falar *como* uma criança.

Alimentada por tudo isso, antes mesmo de decidir o que fazer como produto final do meu TCC, sabia que meu norte seria aprender a escutar uma criança.

À princípio, quis fazer limonada com meus limões e pensei em produzir um livro infantil com roteiro criado por crianças. Ao final de Trabalho de Conclusão de Curso I, eu estava muito certa dessa decisão, mas, como veremos um pouco à frente, até uma pesquisa é um organismo e pode sair andando sozinho como bem entender.

Fotografias tiradas entre os anos 2018 e 2019, durante as atividades realizadas em escolas públicas ao longo da disciplina de Desenho Urbano I e da extensão Cidade e Cidadania



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

diário de bordo

É importante pontuar que, para mim, a disciplina de Trabalho de Concluão de Curso I durou 6 meses, mas meu Trabalho de Conclusão de Curso II tem se arrastado por quase 3 anos, nos quais a vida não teve a cordialidade de oferecer uma brecha para a conclusão deste projeto. Apesar disso, essa pesquisa não saiu de minha cabeça momento algum, então estamos falando de 3 anos de amadurecimento do que ela é e do que pode ser, dentre muitos altos e baixos. A ótima notícia é que entendi que a vida nunca dá uma brecha mesmo, nós precisamos criá-la. Assim sendo, finalmente assumo o compromisso de concluir minha formação e, como sempre, faço mais do que por formalidade, para mim é impossível não fazer algo com o coração e do meu próprio jeito.

Nunca me identifiquei como pesquisadora, então a ideia de produzir uma pesquisa acadêmica me aterrorizava. Entre referenciais teóricos, citações, ABNT, tudo que eu queria era colocar a mão na massa: *bulir, mexer, futricar,* assim como uma criança, que aprende o certo e errado brincando com tudo e não faz nenhum juízo de valor sobre o erro, porque sabe que é parte da brincadeira. Em uma das primeiras orientações em TCCII, estava aflita e perdida sobre os passos a tomar em seguida, quais livros ler e quais teóricos citar, então Patrícia me falou que meu trabalho parecia muito mais com um diário de bordo, que o importante era não deixar de registrar nada e que as ideias e percepções surgiriam no caminho. Essa fala me aliviou e também me deu esperança. Passei a confiar no processo, procurando estar atenta às sugestões que ele próprio me faria. Acho que, no fim das contas, percebi que era um caso de sentir primeiro e explicar depois.

Meu pesquisador favorito, que, por sorte, também é meu namorado, o Sr. (Oliveira, 2025), me disse, em um aúdio no Whatsapp, que:

> O papel de um pesquisador é desenvolver um tema. Não somente fazer uma leitura daquilo, mas juntar dados e elementos de outros autores, de outras fontes e incorporar, àquilo, uma opinião própria.

A partir disso, especialmente da última parte dessa citação, percebi que, apesar de achar que eu deveria adotar uma impessoalidade seca em uma pesquisa, era muito natural que eu, como indivíduo e, portanto, ser repleto de vivências, emoções e percepções, todas válidas, coloque minha opinião e meus sentimentos em qualquer coisa que faça. Sendo isso, creio eu, essencial dentro de uma pesquisa que fala sobre crianças. A gentileza da escuta desse público alvo deve começar na gentileza para com minha própria escuta.

notas sobre pesquisas com crianças (ou manual de falar infantil)

Deixo esta contribuição aos colegas que tiverem o mesmo ímpeto de abordar pesquisas relacionadas com a infância. Estas foram as impressões acerca da minha experiência lidando com este público. Aqui também reforço as opiniões que escutei de outros pesquisadores sobre este tema. Mesmo se você, leitor, não for pesquisador, pode aproveitar algo com as palavras a seguir, pois cada um de nós adultos se beneficiaria em atrever-se a aprender com as crianças.

1. Quando falar com elas, deixe sua criança interior entrar no jogo também. Sempre com a supervisão do seu adulto responsável, claro, mas a deixe brincar junto, se divertir, quebrar, mexer, futricar. Seja uma delas.

2. Deixe seu ego na porta de entrada. Adentre como um aprendiz, tenha ouvidos abertos e olhos atentos. Arrogância não tem lugar no trato com a infância, respeite o espaço delas e seus modos particulares de expressão. O que você toma como bobo, pode guardar uma significação absurda.

> Quando se fala em olhar, observar, escutar crianças, adentramos um universo muito delicado, muito íntimo, pelo qual, antes de mais nada, precisamos ter grande respeito e reverência. O universo das crianças é sagrado. E, nesse sentido, são necessárias muita delicadeza e a humildade de — verdadeiramente — nos curvarmos e pedir "licença" para adentrar os espaços sagrados infantis. (Friedmann, 2015, p.39)

3. Esteja preparado para se surpreender. Das mais diversas formas possíveis. As crianças tem o poder de evocar muitas emoções diferentes nos adultos, por suas naturezas profundamente autênticas, desde irreverência a aborrecimento. Saiba lidar com essas emoções.

4. Prepare-se para o mais completo caos. E aproveite ele. É de lá, do inesperado, que provavelmente surgirão os detalhes mais importantes às respostas que você procura.

5. Crianças filosofam por natureza. Estão sempre perguntando, por que isso, por que aquilo. Aproveite isso, ao crescer perdemos essa desinibção e também um pouco da nossa capacidade de ver as coisas como múltiplos potenciais ou de forma inventiva, características muito úteis a um pesquisador.

6. É importante ter cuidado na postura, pois é necessário entender que, como pesquisador, é provável que se estabeleça uma relação de opressão/dominação. Especialmente realizando a pesquisa em locais de forte posição de disciplina, como as escolas. Procure construir um espaço seguro e horizontal e não rigoroso e autoritário.

> Um segundo aspecto importante da pesquisa com crianças é a consciência do pesquisador de sua posição como "opressor/dominador" diante da criança. A

Encontro USK JP na Praça da Paz, 2019

introjeção da criança nas lógicas disciplinares é forte já nas crianças muito pequenas. Muitas delas acabam se colocando em uma posição de comunicar ao adulto não o que ela realmente pensa sobre algo, mas o que ela acredita que o adulto espera ouvir. Esse é um dos desafios do processo de escuta de crianças: por um lado, transmitir confiança o suficiente para que ela se sinta confortável para se expressar, e por outro, busque os aspectos de destaque nas falas. (Veloso, 2018, p.43)

Por fim, deixo um trecho retirado do livro Território do Brincar que sintetiza muito bem o que senti nesta experiência. Espero que ele possa insipirá-lo a adquirir um olhar mais sensível e generoso para com as crianças, assim como para o viver e a vida no geral.

> "Como nos propõe Merleau-Ponty (2005), olhar a criança requer se guiar para além e aquém das teorias. Um tom poético e profundo precisava ser alcançado se quiséssemos que a intencionalidade dos gestos infantis invadisse cada um de nós. Afinal, "um excesso de infância é um germe de poema", como bem nos lembra Gaston Bachelard (1988, p. 95). Ou, como revelou uma educadora do Colégio Oswald: "O poético cria imagens que fazem conexões com inúmeras outras, e dá sentido". Isso nos exigia a liberdade de não buscar respostas, mas nos deixar levar pelas ações e pelas expressões infantis, em uma atitude de aprendiz das crianças. Ou ainda melhor, aceitamos que:
>
> É a criança que educa o adulto a olhar as coisas pela primeira vez, sem os hábitos do olhar constituído. Wim Wenders diz de um olhar sem opiniões, sem conclusões, sem explicações. De um olhar que simplesmente olha. E isso, talvez, seja o que perdemos. É como se tudo que vemos não fosse outra coisa senão o lugar sobre o qual projetamos nossa opinião, nosso saber e nosso poder, nossa arrogância, nossas palavras e nossas ideias, nossas conclusões. É como se fôssemos capazes de olhares conclusivos, de imagens conclusivas. É como se nos desse a ver tudo coberto de explicações. (Larrosa, Lopes, Teixeira, 2006, p. 11-29)"(Meirelles, 2015, p.20).

introdução

apresentando a problemática e os objetivos

Mary Del Priore, em 2015, lança o livro *História das Crianças no Brasil*, onde congrega textos de historiadores, sociólogos e educadores sobre a infância brasileira ao longo do tempo, com a sensibilidade e responsabilidade crítica de incluir os diversos aspectos que acompanharam a realidade dos pequenos em nosso país, entre brincadeiras, curumins, canaviais, guerras, riqueza e servidão. Em sua apresentação, denuncia o apagamento histórico que a infância sofre:

> [...] diferentemente da história da criança feita no estrangeiro, a nossa não se distingue daquela dos adultos. Ela é feita, ao contrário, à sua sombra. No Brasil, foi entre pais, mestres, senhores e patrões, que pequenos corpos tanto dobraram-se à violência, às humilhações, à força, quanto foram amparados pela ternura dos sentimentos familiares mais afetuosos. Instituições como as escolas, a Igreja, os asilos e as posteriores Febens e Funabens, a legislação ou o próprio sistema econômico, fizeram com que milhares de crianças se transformassem precocemente em gente grande. Mas não só. Foi a voz dos adultos que registrou, ou calou, sobre a existência dos pequenos, possibilitando ao historiador escutar esse passado utilizando seus registros e entonações: seja por meio das cartas jesuíticas relatando o esforço de catequese e normatização de crianças indígenas ou a correspondência das autoridades coloniais sobre a vida nas ruas, pano de fundo para as crianças mulatas e escravas. Seja através das narrativas de viajantes estrangeiros, dos textos de sanitaristas e de educadores, dos Códigos de Menores, dos jornais anarquistas, dos censos do IBGE etc.
>
> O que restou da voz dos pequenos?[...] (Del Priore, 2015, p. 14)

As próprias origens linguísticas da palavra "infância[1]" sugerem e sustentam o silenciamento das crianças, que, além de serem um grupo social fragilizado, passaram por, como a autora denota, um embotamento da própria narrativa pelos adultos.

Assim sendo, raramente temos acesso à criança como protagonista, à sua perspectiva e expressão particulares. Mesmo que se fale bastante de infância, seja em áreas como a pedagogia, psicologia e pediatria, muito pouco se escuta a própria infância.[2]

Até mesmo as garantias legais específicas a este grupo são muito recentes, datam do século XX, em 1959, com a *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, da *Organização das Nações Unidas* (ONU) e, no Brasil, em 1988, com o advento da *Constituição Federal de 1988* e da *Lei 8.069/1990*, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA). Além destes, posteriormente, temos, em, 2016, a sanção da Lei 13.257, declarando o *Marco Legal da Primeira Infância*. Todos estes afirmam os direitos das crianças, validam sua cidadania e as colocam em lugar de prioridade, como colocado no Art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente[3]:

1 Do latim *infantia* (*fari* = falante + *in* = prefixo de negação). (Dias e Ferreira, 2015, p. 119)

2 A estruturação da parte histórica sobre a infância se inspirou na dissertação de mestrado de Alana Aragão Vasconcelos, de título *Cidade e criança: estudos de espaços públicos de Fortaleza sob a ótica do brincante infantil* (2022). Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69800.

3 Este documento define como crianças os indivíduos com idade entre 0 e 12 anos e como adolescentes os indivíduos com idade entre 13 e 18 anos.

> **Art. 3º** A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.
> *Parágrafo único.* Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica,ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencieas pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Brasil 1990)

Em seguida, o documento declara que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público garantir o cumprimento desses direitos. Dentre estes, os artigos 15º e 16º desse mesmo escrito asseguram que "a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais" (Brasil, 1990), sendo incluso, no que se entende como liberdade:

> I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
>
> II – opinião e expressão;
>
> [...]
>
> IV – brincar, praticar esportes e divertir-se;
>
> V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;
>
> VI – participar da vida política, na forma da lei;
> (Brasil, 1990)

Vamos analisar este trecho anterior, a fim de entender se tais direitos estão de fato sendo atendidos de forma plena por nós como sociedade. O primeiro tópico defende que as crianças tem direito de ir e vir nas ruas e na cidade. O que vemos na atualidade é um quadro generalizado de crianças restritas a espaços privados ou semipúblicos e que nas raras situações que estão vivenciando a cidade, não podem interagir livremente com os lugares e, muitas vezes sentem, inclusive, um grande medo, tanto dos locais, como das pessoas, e são incentivadas pelos próprios cuidadores a considerarem tudo e todos como um possível perigo. Soa, à maioria, melhor para a criança estar em casa, muitas vezes frente a uma tela, do que exposta ao urbano. Vamos explorar melhor essa lógica de pensamento em capítulos posteriores, mas por hora, cabem algumas reflexões:

- É justo privar as crianças de um direito básico em nome de uma neurose generalizada sobre uma suposta cidade hostil?

- Manter as crianças em ambientes privados e controlados realmente é a opção mais segura e saudável para elas? Principalmente sabendo que hoje em dia, é muito difícil regular, por exemplo, o acesso das crianças a qualquer tipo de conteúdo por meio de redes sociais, sites etc? Não seria mais eficiente educá-las para saberem lidar com o diferente, cultivando discernimento, em vez de privá-las completamente?

Em seguida, o ECA afirma que os pequenos tem direito a opinião e expressão. Existe, realmente, algum espaço onde esse direito é plenamente assegurado? Olhando em volta, mesmo os

espaços infantis, como escolas, por exemplo, são totalmente controlados por adultos e às crianças cabe a obediência. Provavelmente o espaço que melhor garante esse direito é quando estão apenas entre si. Observar que os pequenos criam suas próprias estruturas de resolução de problemas entre si é o suficiente para percebermos que eles são capazes de opinar e de se expressar. Há muito que querem falar, mas para isso, precisamos estar dispostos a escutar. Nós, adultos, nos colocamos neste patamar acima, como se o fato das crianças precisarem contar conosco, nos tornasse superior. E não precisamos todos dos outros? De uma forma ou de outra, todos os seres humanos são dependentes de outros seres humanos. Inclusive, nós, adultos, subestimamos o quanto precisamos das crianças. Um dos motivos mais óbvios é que precisamos delas para garantir a continuidade da espécie. Tanto biologicamente como em termos de legado, o mundo que cultivamos será entregue a elas. Sarmento e Pinto notam que, curiosamente, a demanda pelo estudo das crianças cresce à medida que seu número relativo dentro da população mundial cai:

> As crianças são tanto mais consideradas, quanto mais diminui o seu peso no conjunto da população. Este indicador demográfico, particularmente presente nos países ocidentais, por efeito coordenado do aumento da esperança de vida e da regressão da taxa de fecundidade, constitui, na verdade, o principal e decisivo factor da importância crescente da infância na sociedade contemporânea. Dir-se-ia que o mundo acordou para a existência das crianças no momento em que elas existem em menor número relativo. (Sarmento e Pinto, 1997, p.11)

Também necessitamos dos olhos atentos, sensíveis e curiosos das crianças. Precisamos da sua vitalidade e disposição, da sua brincadeira e doçura. Temos muito a aprender com até mesmo as *birras* e *traquinagens*, pois nos lembram que temos desejos, limites e vontades. Talvez ser criança seja o mais humano que podemos ser e estar com elas seja nossa lembrança constante de/do que(ê) queremos e sentimos. Em O Alquimista (1ª edição, p.1690, de Paulo Coelho, li o seguinte trecho:

> "Cada homem na face da Terra tem um tesouro que está esperando por ele", disse seu coração. "Nós, os corações, costumamos falar pouco desses tesouros, porque os homens já não querem mais encontrá-los. **Só falamos deles para as crianças.**[4] Depois deixamos que a vida encaminhe cada um em direção ao seu destino. Mas, infelizmente, poucos seguem o caminho que lhes está traçado e que é o caminho da Lenda Pessoal e da felicidade. Acham o mundo uma coisa ameaçadora - e por causa disso o mundo se torna uma coisa ameaçadora. Então nós os corações, vamos falando cada vez mais baixo, mas não nos calamos nunca. E torcemos para que nossas palavras não sejam ouvidas: não queremos que os homens sofram porque não seguiram seus corações."
>
> - Porque os corações não contam aos homens que eles devem continuar seguindo seus sonhos?- perguntou o rapaz ao Alquimista.
>
> - Porque nesse caso, o coração é o que sofre mais. E os corações não gostam de sofrer.

Gosto de pensar que as crianças sempre me lembram de escutar meu coração. E que nos aterram ao que é essencial ao ser humano, porém muito abstrato: carinho, companhia, diversão,

4 Grifo da autora.

desafio, autenticidade, inventividade. Coisas que fazem parte da substância da vida, não apenas do sobreviver. Posso dizer que tanto quanto os adultos evitam que que as crianças se machuquem[5], elas também ajudam nossa a alma a não morrer em vida.

Para além das licenças poéticas, a percepção única da criança também pode nos ser extremamente útil para o entendimento de nossa sociedade, como declaram Sarmento e Pinto:

> [...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenómenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desoculta-das no discurso das crianças. (Sarmento, 1997, p. 25)

Para finalizar nossas reflexões acerca do trecho do ECA, os três últimos direitos, à primeira vista, parecem ser eficientemente garantidos. Porém, uma análise mais cuidadosa pode nos levar a pensar em como estes direitos estão sendo vividos, se são da melhor e mais digna forma, se a palavra participar tem carregado algo de autonomia ou se parece mais com a participação designada a um figurante.

A infância merece ser respeitada, valorizada e ter seus direitos garantidos com plenitude, não apenas em uma versão de baixíssima manutenção, como se faz. A seguir, Sarmento e Pinto discorrem sobre esse desequilíbrio na forma como os direitos das crianças são aplicados.

> Outra questão é a da substância dos direitos da criança. A tradicional distinção entre direitos de **protecção** (do nome, da identidade, da pertença a uma nacionalidade, contra a discriminação, os maus-tratos e a violência dos adultos, etc.), de **provisão** (de alimento, de habitação, de condições de saúde e assistência, de educação, etc.) e de **participação** (na decisão relativa à sua própria vida e à direcção das instituições em que actua), constitui uma estimulante operação analítica. Ela permite, quando aplicada à investigação do estado de realização dos direitos, comprovar, por exemplo, que entre os **três p**, aquele sobre o qual menos progressos se verificaram na construção das políticas e na organização e gestão das instituições para a infância [...] é o da participação. (Sarmento e Pinto, 1997, p.19)

É curioso notar como alguns direitos infantis são mais facilmente validados que outros, geralmente os que se atrelam à manutenção de uma lógica de submissão por parte da criança. A partir disso, podemos perceber, então, que, apesar de ser considerada formalmente cidadã, a criança encontra muitos obstáculos no cumprimento pleno de sua cidadania.

Felizmente, é exponencial o crescimento da atenção aos temas da sociologia e cidadania infantis, podendo ser visto, por exemplo, em iniciativas[6] como *Cidades Amigas da Criança*, da UNICEF, *Urban 95*, da Fundação Van Leer e *Prefeitas e Prefeitos Amigos*

5 No sentido de caber a nós o resguardo da integridade da criança.

6 Outras iniciativas interessantes são o Projeto CriaCidade (SP) e o Projeto Casacadabra

das Crianças, da Fundação ABRINQ, além do número crescente de pesquisas nessa área, com destaque para pesquisadores como Manuel Jacinto Sarmento e livros como *Cidade, Gênero e Infância,* com organização de Rodrigo Mindlin Loeb e Ana Gabriela Godinho Lima.

Ainda há muito trabalho a ser feito até que possamos afirmar que vivemos em uma sociedade em que a cidadania infantil é plenamente reconhecida e respeitada, com cidades acolhedoras e estimulantes aos pequenos e seus cuidadores, pois a existência de documentos legais é apenas o começo da construção dessa cidadania, como Sarmento e Pinto destacam:

> Esta situação deve-se, entre outros factos, a que a realidade social não se transforma por efeito simples da publicação de normas jurídicas; as desigualdades e a discriminação contra (e entre) as crianças assentam na estrutura social, pelo que a proclamação dos direitos, pese embora o seu interesse e alcance, constitui, no quadro da manutenção dos factores sociais de desigualdade e discriminação, uma operação com acentuada carga retórica, de efeitos em grande medida ilusórios. (Sarmento e Pinto, 1997, p.18)

Tão importante quanto os direitos discutidos até agora e, na verdade, incluso e diluído nos já citados, é o **direito à cidade**, conceito elaborado por Lefebvre, em 1968. Como atores sociais, o cumprimento deste direito é essencial para a promoção de uma cidadania infantil plena, que possibilite uma vivência adequada das crianças a uma cidade acessível, segura e acolhedora (Cf. Silva, Mello e Bastos, 2024). Para isso, é necessário um esforço conjunto, partindo de uma mudança estrutural baseada na criação de políticas públicas específicas para essas faixas etárias, apoiadas e assistidas por uma população disposta a se engajar por esta causa. Afinal, *é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança* [7].

Assim sendo, a nós cabe a responsabilidade de plantar sementes e, pacientemente, assistir e cuidar, *até que nos tragam frutos, teu amor, teu coração* [8]. Esse plantio requer doçura, escuta atenta e respeito às particularidades de uma criança, seus gestos, seu jeito, sua linguagem, mas também firmeza para apoiá-las e lutar pela plena realização dos direitos delas, como Sarmento confirma em:

> o direito da criança à cidade é a condição da sua própria cidadania, que não constitui uma proclamação jurídica nem é um estatuto outorgado. É, outrossim, direito da criança à cidade decorre diretamente de políticas públicas para a infância e para a cidade que garantam a participação de crianças e de adultos na edificação do território urbano, segundo lógicas de inclusão e sustentabilidade. (Sarmento, 2018, p. 239).

Dessa forma, o presente trabalho se utiliza destes conceitos como norteadores, com intenção de ser mais uma entre as citadas sementes. Este grupo social vulnerável merece ter um espaço de voz para expressarem suas demandas acerca da cidade. Assim sendo, o produto final deste trabalho se situa como um veículo de auxílio na expressão desse grupo que sofre silenciamento, que

7 Provérbio africano.

8 Trecho da música Refazenda, de Gilberto Gil.

ao mesmo tempo funcione como ferramenta para que gestores urbanos, sociedade geral, cuidadores, possam adquirir uma perspectiva diferente e sensível acerca da cidade e isso possa, então, impulsionar a construção de uma cidade mais justa, democrática e acessível. O esforço presente neste projeto pretende ser um pequeno ensaio de amplificação e tradução da voz infantil, buscando investigar alternativas lúdicas para a construção de uma ponte, de uma forma de comunicação eficiente entre adultos e crianças, através do jogo e da brincadeira.

Para tal, o recorte espacial tratado será a cidade de Sobral, no Ceará. E contaremos com ajuda de crianças de 6 a 10 anos, que colaborarão com suas perspectivas para a ideação do material final, objetivando o desenvolvimento, através de metodologia participativa, de um livreto ilustrado com atividades e jogos, a serem utilizados como ferramentas de captação da perspectiva da criança acerca do meio urbano que faz parte de sua vivência e imaginário.

Como objetivos específicos deste trabalho podemos citar os seguintes: averiguar os vínculos valorativos e afetivos criados entre criança e cidade, compreendendo como a criança interpreta o espaço público, se posiciona nele e qual a importância dessa relação; examinar ações e iniciativas atuais que contemplam a criança na cidade de Sobral; investigar o brincar e sua relevância na infância e a utilidade do meio urbano neste vínculo e; por fim, apresentar relatos sensíveis de vivências particulares na cidade.

Fonte: Prefeitura de Sobral

sobre o método

O caminho para a escuta da criança passa pela brincadeira, sendo este o ponto de partida que estabeleci quando comecei a elaborar ferramentas lúdicas que me ajudassem a conversar com elas. As experiências anteriores com a disciplina de Desenho Urbano II e a extensão Cidade e Cidadania me iluminaram. Outras grandes referências foram os materiais e ações do projeto Casacadabra[9] e os jogos e brincadeiras propostos na Casa do Capitão Mor, patrimônio histórico tombado da cidade de Sobral, primeira casa a ser construída no ato da fundação da vila (1773), que hoje é aberta à visitação e possui um projeto chamado Clubinho do Patrimônio, que promove ações de educação patrimonial e urbanística.

Uma referência especial, que tocou meu coração profundamente, é um vídeo chamado *Caminhando com Tim Tim*[10] (2015), disponível no Youtube. Transcrevo abaixo o áudio do vídeo, que mostra o trajeto do Valentim, que deve ter não mais do que 2 anos de idade, entre sua casa e a casa da vó.

> - Tim Tim! Tim Tim! Vamos na casa da vovó depois da música?
>
> Da nossa casa até a casa da vó são duas quadras. Para mim: calçada, ferragem, mercadinho e chegou. Para Valentim: pedrinhas, árvores, pedra soltas que toda as vezes tira e bota, procurando encaixe, duas ruas atravessadas, para dar a mão para a mamãe, poças d'água: pisoteia, alegra, refresca.
>
> - Ai, que água suja! - dizem uns. É água de chuva, meu caro!
>
> - Ai, que delícia! - contam outros.
>
> Tim Tim nem liga, só pisa, pisa, pisoteia.
>
> Mas no percurso até a casa do vó há também o que me parece mais valoroso para Tim Tim: os quatro encontros, estabelecidos por ele, desde o início, que nem sei precisar quando foi. Nesses eu só respeito e acompanho, só olho e vibro.
>
> O primeiro encontro é com Seu João, morador de rua e flanelinha aqui da rua, com quem o pequeno sempre conversa.
>
> - Oi, meu amigo! Vai passear?
>
> Blá, blá, blá, lá vai o pequeno a soltar beijos infinitos e abanar, abanar, abanar até não mais enxergar. Quando seu João está dormindo, Tim Tim passa sussurrando, fala baixinho, respeitando o sono.
>
> Valentim tem me ensinado sobre os caminhos e que o tempo é senhor de delicadezas, desafios e novidades constantes e intermináveis.
>
> O segundo encontro é com o Jorge, guardador de carros no restaurante da esquina, baiano como o pai. Fica do outro lado da rua e todos os dias atravessa para conversar com Tim Tim, que o aguarda, também, diariamente, ao vê-lo do outro lado. Dia desses, Jorge elogiou a sandália do pequeno, desde então, a primeira atitude é abaixar-se e mostrar as sandálias. Toca-as e olha para o amigo, que insiste:
>
> - Que lindas! Muitos lindas! Que lindas! Vamos ver, vamos ver!

veja o vídeo do Tim Tim no QR Code abaixo:

9 Para mais informações, ver https://www.casacadabra.com.br/

10 Ver https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI. Acesso em 04 de fevereiro de 2025

> O terceiro encontro é com o homem do mercadinho. Quando está com seu gato, o encontro é ainda mais vibrante. Carinho, tropeço, atrapalhação. Mas quando não, o simples ver o amigo e jorgar-lhe beijos, é suficiente para seguir em frente.
>
> Atravessando a rua, os três senhores do almoxarifado do hospital. Que às vezes são dois, às vezes são quatro, às vezes é um só. Tim Tim desvia a rota para vê-los. O pegam no colo, conversam um pouco e pronto: tá feito. Abana em despedida e corre em disparada para frente do portão do prédio da vó. Todos os dias. Cada dia com o olhar atento sobre algo novo no trajeto, mas sempre com seus quatro encontros, a sentir falta quando um não está.
>
> Valentim tem me ensinado sobre os caminhos, caminhares e destinos. Que o chegar não é mais valioso que a andança. Que o encontro é precioso e necessário.

Creio que este vídeo transmita exatamente o sentimento que eu gostaria de passar neste trabalho e explica muitas das minhas intenções: a atenção aos encontros humanos e aos estímulos ambientais, um olhar sensível ao banal e tudo que temos a aprender com as crianças. Partilho da opinião de Paulo Freire quando diz:

> Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é escutando que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (Freire, 2007, p. 113)

Assim sendo, primeiro é necessário ouvir atentamente e de forma humilde, descer do pedestal acadêmico e assumir tudo o que não sabemos e tudo que podemos aprender, para, então, podermos estabelecer uma comunicação horizontal. Neste trabalho, quem ensina são as crianças e quem escuta e aprende, somos nós, adultos.

Paulo Freire diz, ainda, que:

> Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. (Freire, 2007, p. 118)

O que nos leva a refletir que, como pesquisadores e, portanto, incentivadores do conhecimento, também somos educadores. Neste papel, nossa missão não é apenas entregar um conteúdo pronto, mas sim entregar, nas mãos daqueles que buscam aprender, as ferramentas necessárias para que eles próprios possam lapidar o conhecimento. Esse processo garante o cultivo da autonomia e é um ótimo repelente de lógicas alienantes. Estas são características essenciais na formação de cidadãos críticos e capazes.

Desse modo, tomei cuidado, na criação do material a ser aplicado com as crianças, em ficar atenta para que as atividades não fossem tendenciosas, que as crianças pudessem se colocar sem serem reprimidas ou tolhidas, sem certo ou errado. Compareci aos encontros como uma observadora curiosa, permitindo que as criança pudessem interagir como bem entendessem com as

propostas. Devo admitir que é um grande exercício de expectativa *versus* realidade. Apesar disso, é recompensador, pois a confiança depositada nas crianças deixa o trabalho tomar um rumo orgânico e, portanto, condizente com a realidade e com suas mais sinceras demandas e não com um simulacro de projeções do que deveria ser, produzido por especulações adultas.

Mantive esse olhar atento na produção do material final, buscando que este permitisse uma liberdade de apropriação por parte da criança e pudesse ser preenchido por ela de forma autônoma.

As etapas de produção deste trabalho se iniciaram com a formulação de uma aplicação piloto de algumas atividades e brincadeiras, separadas por temas específicos. A ideia seria experimentar algumas abordagens com um grupo pequeno de crianças e entender sua recepção a essas, sendo mais importante, nesse caso, analisar quais abordagens permitiam uma expressão mais livre e eloquente da criança, de forma divertida.

A proposta inicial consistia em 8 encontros com 1 hora de duração cada, ocorrendo ao longo de quatro semanas (ou seja, dois encontros por semana). Estes seriam uma mescla entre momentos com atividades lúdicas e momentos de conversa. O objetivo principal seria escutar as crianças. Entender, a partir da perspectiva delas, como veêm a cidade ao seu redor e seu entendimento como participantes dela. A ideia seria apreender uma opinião sincera, independente de ser verossímil ou fantasiosa, qualquer perspectiva seria válida. No último encontro, o grupo, em coletivo, criaria uma história com personagens fictícios, que ocorreria na cidade de Sobral. Essa história seria ilustrada pela pesquisadora e resultaria em um livro.

Cada semana de aplicação representaria um tema diferente, tendo cada um dois encontros para serem desenvolvidos, sendo eles:

Semana 01: Consciência dos trajetos

Objetivo: Investigar quanta consciência as crianças tinham dos próprios trajetos entre a casa e a escola. Entender o que chamava atenção delas, o que percebiam.

Semana 02: Sobral

Objetivo: Verificar se as crianças reconheciam locais relevantes da própria cidade e observar como se comportariam em um passeio pela cidade, o que chamaria sua atenção, como reagiriam a estímulos diferentes.

Semana 03: Pequeno cidadão

Objetivo: Oferecer a oportunidade para que as crianças criassem sua própria cidade. Averiguar quais elementos da cidade elas identificariam como desejáveis ou não. Ter atenção às demandas que fossem colocadas.

Semana 04: Contando histórias

Objetivo: A partir da construção feita durante os encontros, criar uma história sobre duas crianças fazendo um percurso pela cidade. Os personagens, cenários, sequência de acontecimentos, deveriam partir das crianças e qualquer fala seria válida.

Essa sequência foi idealizada para sugerir uma gradual sensibilização da crianças para com a cidade, partindo de uma escala micro, com o trajeto da casa até a escola, passando para a cidade e, por fim, numa escala macro, criando a própria cidade

e imaginando cenas ocorrendo nela. Também pode-se perceber o gradual aumento de autonomia e responsabilidade dadas às crianças no decorrer dos encontros[11].

Após a idealização do quadro de encontros, o próximo passo foi encontrar escolas dispostas a aceitar a parceria. Pensava que seria interessante realizar a aplicação em duas escolas, uma pública e outra particular, idealmente nos mesmos arredores, pois, assim, seria possível entender como crianças de diferentes realidades percebiam os mesmos percursos e regiões. Encontrei duas escolas nos moldes que queria, mas a burocracia para realizar a atividade na escola pública seria inviável e ao contactar a escola particular não recebi retorno favorável.

Meses depois, ao retornar à busca, me recomendaram uma escola particular chamada Arco Íris, localizada no bairro Junco, muito elogiada por sua metodologia construtivista e receptividade a pesquisadores. Ao entrar em contato com a diretora, Eveline, fui muito bem acolhida, mas um percalço surgiu no caminho: era fim de semestre, então o calendário estava apertado e com horários disponíveis reduzidos.

Apesar disso, embarquei no que seria possível. Condensei a proposta, reduzindo a quantidade e duração dos encontros para 5 encontros, distribuídos entre duas semanas, com 40 minutos de duração. A aplicação, na prática, foi ainda mais reduzida, ocorrendo, oficialmente, 4 encontros, com cerca de meia hora cada, com um grupo de mais ou menos 10 crianças.

11 A descrição precisa dos encontros inicialmente propostos se encontra no anexo número 1.

Mesmo que a proposta inicial tenha sido reduzida a 1/4, devo dizer que a aplicação foi perfeitamente suficiente e satisfatória. Comprovei que, na prática, tudo é muito diferente da idealização da teoria e aceitei de bom grado o que me foi oferecido.

A experiência rendeu muitas sementes e foi crucial para a modificação do curso do trabalho. Inicialmente se intendia ter como material final deste TCC, um livro ilustrado a partir da narrativa criada no último encontro com as crianças, mas a prática deixou claro que aquela representaria a visão de só uma das inúmeras infâncias que existem na cidade de Sobral:

> Crianças compartilham “apenas” uma construção relativa ao fator etário, mas a ele se sobrepõe diversos outros como, por exemplo, o gênero, a classe social, a cultura, a religião, etc.:
> “Ser jovem hoje resulta, simultaneamente do cruzamento de certa homogeneidade de condições culturais e históricas que organizam o processo de subjetivação dos indivíduos de uma determinada faixa etária e da heterogeneidade dos contextos particulares que pluralizam os modos como tal processo ocorre. (CASTRO, 2009 ,p. 796)” (Veloso, 2018, p. 21)

Assim sendo, percebi que, se meu intento com o produto final era facilitar a escuta das crianças, talvez o rumo que este deveria seguir seria o de possibilitar mais escutas e não divulgar apenas um cenário expecífico, que seria o das crianças de classe média alta de uma escola particular. A construção de uma cidadania infantil plena na cidade de Sobral, precisaria passar, obrigatoriamente, pela exploração das diversas especificidades do ser criança em diferentes circunstâncias. Por exemplo, uma criança que

Fonte: Prefeitura de Sobral

mora em uma mansão no bairro Morada dos Ventos tem, com certeza, uma visão e vivência diferentes da cidade de uma criança que mora às margens do Rio Acaraú no bairro Dom Expedito.

Surge, então, essa pergunta-oportunidade: **e se existisse uma forma de aplicar essas atividades com outras crianças e esse material retornasse, formando, assim, uma rede de diagnóstico sobre o meio urbano e sobre as demandas de crianças de diferentes realidades na cidade de Sobral?**

Partindo dessa ideia e ainda conservando minha afinidade com design editorial, modifiquei a proposta final para um livreto que condensasse boas sugestões do quadro de aplicação inicial com os acertos da aplicação prática. Esse livreto deveria ser autoexplicativo, possibilitando que a criança, sozinha ou em grupo, consiga preenchê-lo sem o condicionamento de um adulto.

Neste trabalho, a intenção finda na investigação e proposta preliminar do que seriam esse material e a rede que sustentaria sua veiculação e retorno para a comunidade. Apesar disso, desde já, relembro que o intuito base desse exercício sempre foi uma semeadura com um desejo de fertilidade. Em um futuro, aguardo a possibilidade de regar e colher estes frutos, mas por hora, o sonho é o que me cabe.

discussão

cidades para crianças:
desafios e oportunidades da atualidade

Em 2018 morei em uma casa no bairro Mangabeira II, em João Pessoa. Rua de terra, casa com quintal, cara de casa de vó mesmo. Vi, pela primeira vez em muito tempo (ou talvez pela primeira vez na vida), um grupo de crianças jogando futebol na rua. Aquilo virou rotina, e eu adorava voltar de tardinha da faculdade e ver os meninos batendo bola debaixo da luz dourada do pôr do sol.

Me questionava com frequência: por que essa cena é tão rara hoje em dia, já que os mais velhos sempre citam suas brincadeiras livres com seus colegas de bairro? Não é incomum escutar histórias das gerações passadas sobre a turminha de amigos da redondeza e sobre as brincadeiras cultivadas ali mesmo, entre a porta de casa e a rua, fosse futebol, pula corda, pega-pega, elástico[1]. E a imagem que vem à mente, provavelmente, é de uma rua residencial ou mista, com casas térreas, de fachadas permeáveis, onde a transição entre público/privado fosse gradual, com vida urbana ativa, pessoas passando, pouco trânsito e com um senso de comunidade forte, de forma que, se as crianças estiverem na rua, ainda estarão amparadas e assistidas por um amigo, familiar ou conhecido. Essas características formavam uma sensação de segurança que promovia a moderada liberdade e autonomia[2] dessas crianças nos raios próximos de seus lares. Pedrinho podia ir sozinho comprar pão na padaria do Seu João e na volta passar na casa da Carol e chamar ela pra soltar pipa mais tarde lá na pracinha com os outros moleques da rua. Você consegue imaginar isso acontecendo hoje em dia? Imagino que seja muito difícil. Naturalmente surgirão pensamentos como "mas e se o Pedrinho sofrer um acidente nesse trânsito maluco ou se perder no caminho até a padaria? E se alguma pessoa desconhecida machucá-los enquanto soltam pipa na praça? Tem muito crime, muito carro, muita gente ruim por aí, melhor não." Se Pedrinho e Carol vivessem hoje, provavelmente o mais perto que chegariam de soltar pipa seria em algum tipo de videogame simulador dessa brincadeira. Dias e Ferreira confirmam essa transição de postura.

> [...] a criança, que antes podia brincar, correr e adquirir conhecimento a partir das relações e do convívio com outros adultos nos espaços da cidade, foi forçada a romper esse vínculo, obtendo proteção da família e da escola, ao custo de sua liberdade e autonomia. (Dias e Ferreira, 2015, p. 120)

Outro ponto curioso a se notar são que, mesmo hoje, parquinhos cheios de brinquedos coloridos e praças arborizadas muitas vezes estão vazios, enquanto uma rua de terra ou um terreno

1 Sabia que muitas dessas brincadeiras ainda estão vivas hoje em dia? Confira algumas e outras mais no livro Território do Brincar.

2 Importante ressaltar que historicamente também existiram recortes que tolhiam ou aumentavam essa liberdade, como, por exemplo, o recorte de gênero, onde as meninas eram muito mais resguardadas em casa do que os meninos.

vazio (ou praça fantasma) que virou campinho de futebol[3] podem estar lotados de crianças, vividamente se divertindo. Isto denuncia que, além da privação da vivência do espaço público que as crianças sofrem hoje em dia, ainda preciam lidar com o fato de que os raros espaços em teoria designados a elas são mal projetados, não considerando bem suas demandas, sejam estas a garantia de segurança, a presença de mobiliário estimulante, um local para os cuidadores, contato com a natureza ou qualquer outra. Projetar espaços públicos para crianças não é só colocar um escorregador no meio da areia.

A transição do cenário das gerações anteriores ao recente não ocorreu do dia para a noite e, na verdade, passou muito longe do alcance dos adultos, quiçá das próprias crianças. Essas mudanças tiveram muito mais a ver com a busca pelo desenvolvimento desenfreado e com a economia neoliberal do que com as bolinhas de gude. Em comparação com as cidades do passado, as atuais se configuram de modo muito diferente, com com seus fluxos intensos, tecnologias, lógica de mercantilização, espraiamento, gentrificação, culturas do medo e da urgência. Tudo isso

3 No diagóstico realizado durante a disciplina de Desenho Urbano II, havia um grande terreno vazio, logo na entrada da comunidade. Nos documentos da prefeitura constava como uma praça, que na verdade nunca fora construída. A comunidade se apropriou desse espaço como campo de futebol, se tornando tão importante, que fora criado um time de futebol local e o terreno sediava vários jogos com outros times. Quando não havia jogo, era o local de brincadeira das crianças, com suas pipas, bolas e pega-pega. Enquanto isso, eu frequentava com minha família, vez ou outra, um quiosque de rubacão que ficava em uma praça na parte mais abastada do mesmo bairro. Nessa praça havia um parquinho novinho, muito bem equipado. Nunca vi uma criança sequer tocar um brinquedo daqueles nas vezes que estive lá.

Fotografia tirada pela autora em viagem do curso até a cidade de Areia - PB, em 2017

transforma a rua e o espaço público em locais de passagem e consumo, e não mais de permanência e pertencimento.

Resta, hoje, às crianças, o isolamento nos espaços controlados pelos adultos (casa-escola), à mercê da sedução das telas, que prometem oferecer tudo que a criança quiser.

Uma situação que agravou o cenário de reclusão foi a pandemia de Covid 19. As interações humanas foram colocadas em perspectiva e o convívio urbano pleno nos foi barrado. Foram três anos devastadores, que nos atravessaram terrivelmente. Foi um marco para percebermos a fragilidade e preciosidade da vida e refletir sobre, dentro de nossas trajetórias, o que realmente era importante. Confinados e temerosos, sentimos falta de coisas muito esquecidas ou subestimadas: do estar em comunidade, dos banais caminhos do dia a dia, dos encontros humanos, do movimento, dos sons, dos cheiros. Ao mesmo tempo que nos lembrou da essência da vida, quase que paradoxalmente, a pandemia nos acostumou ao "novo normal", do qual ainda carregamos sequelas. O refúgio na tecnologia foi um acalanto, mas também reforçou a dependência às telas. A privação de sair de casa para fazer coisas básicas como trabalhar, fazer compras, se exercitar, forçou a criação de formas de fazer tudo do conforto do lar. Se compra pela Amazon, se exercita pelo Queima Diária, se paga o boleto pelo aplicativo do Nubank, se trabalha via Meet e Trello (e se brinca pelo canal do Youtube da Galinha Pintadinha). Essas ferramentas permitiram o seguimento de uma relativa normalidade do funcionamento de nossa sociedade e, ao término da pandemia, seguiram no nosso cotidiano como estratégias de comodidade. Apesar da conveniência, o ônus dessa situação é que, se antes da pandemia, praticamente só se saia de casa para "resolver coisas", agora, não somos obrigados a sair de forma alguma.

Os efeitos sobre a infância foram ainda piores. As mínimas saídas possíveis, que seriam à escola, lhes foram privadas, a socialização entre pares, negada, e a brincadeira, restringida. Isso lhes gerou impactos cognitivos, emocionais e até mesmo motores. Além disso, foram crianças cultivadas em um contexto hostil, de acentuada ansiedade e estresse com todo o panorama global (Maldonado *et al.*, 2023). Portanto, precisamos compreender que a cidade que estamos construindo no presente deve considerar as particularidades de crianças cujo desenvolvimento foi intensamente atingido pelas restrições da pandemia de Covid-19 e que mesmo as crianças nascidas após 2023, sofrem as sequelas do "novo normal". Assim, corroboram Lopes, Madeira e Neto:

> No início de uma nova década, ferozmente marcada por uma pandemia que está a confinar espacial e socialmente o direito à cidade e aos espaços públicos pelas crianças e jovens, acrescido por um gravoso impacto ao nível da sua saúde e bem-estar, torna-se fundamental reverter esta situação. Assim, é urgente reinventar coletivamente as possibilidades para a transformação da "cidade fechada e deprimida" em uma "pólis aberta e lúdica. (Lopes, Madeira e Neto, 2020, p. 45)

Para além disso, a quantidade de estímulos que nos cercam através das múltiplas telas, o reforço constante para trabalharmos cada vez mais e melhor vendido pela *sociedade do desempenho*[4]

4 Conceito de Byung-Chul Han, presente no livro Sociedade do Cansaço (2010).

e a cultura do lucro formam um perfeito sistema de alienação, no qual é difícil refletir sobre a própria condição humana, tanto individual como em sociedade. Algumas consequências desse caos silencioso são expressas nas doenças neuronais (Byung-Chul Han, 2010), que nos afligem com cada vez mais intensidade. Sobre essa precarização da qualidade de vida perante a priorização do lucro e da produtividade, Araújo destaca a fala de Martins:

> Martins (2008,p.193) ressalta: "A realidade urbana é aberta para novos investimentos de capital, mas crescentemente fechada para a criação de relações sociais não mediadas pelas coisas. A valorização das coisas se dá à custa da desvalorização do homem". (Araújo, 2018, p.213)

Nossas cidades, então, se tornam cenários de papelão. Estaríamos habitando não-cidades[5]? Advogo que a cidade é o concreto que ganha significado pela vida humana, e que a função plena da arquitetura e do urbanismo só se dá por meio dos usuário. O adoecimento de um comunidade influencia diretamente na estruturação da vida urbana de sua cidade.

O desenho da cidade tanto reflete, como potencializa as problemáticas citadas anteriormente, visto que a produção dela se encontra, hoje em dia, muito mais atrelada à eficiência, do que à apropriação humana. Como contextualização local, posso citar duas situações recentes ocorridas em Sobral. Dentre várias iniciativas de pedrestrianização de ruas realizadas na gestão passada, gostaria de citar:

- A realizada no bairro Centro, que foi humanizado com cores, plantas, etc, gerando mais comodidade e segurança aos muitos pedestres que percorrem estas ruas por conta do comércio;

- A da via que corta a Praça do Teatro São João, onde ocorriam feirinhas de produtores locais de artesanato e de comida às quintas feiras, ajudando os pequenos empreendedores e incentivando o artesanato e culinária locais, além de gerar um fluxo de pessoas se apropriando da praça.

Na nova gestão, foi solicitado que ambas as iniciativas fossem canceladas. Assim sendo, o centro foi totalmente reaberto aos automóveis e a via da praça foi transformada em estacionamento. Com isso, as calçadas do centro estão lotadas de pessoas se esbarrando e a feirinha de quinta-feira quase foi cancelada, tudo isso para que os automóveis pudessem andar e estacionar livremente. Para quem esta gestão está fazendo a cidade? Para pessoas ou para os carros? Isso escancara um lógica fria de construção da cidade que visa o lucro, o consumo, a impessoalidade e beneficia apenas as classes altas e trata o povo apenas como uma ferramenta utilizada para se chegar ao poder.

Uma saída, sugerida por Krenak (2020, p.24), seria "parar de nos desenvolver e começar a nos envolver". Será que somos capazes de fazer cidades para pessoas? Isso incluiria um esforço ativo de desaceleração, atenção, contemplação e reflexão, dificultado pelo ritmo frenético e pelo consumo initerrupto, seja de coisas ou de conteúdo, dos tempos atuais, além de ser completamente desinteressante à máquina do lucro.

Vamos localizar a infância dentro desse contexto caótico. A intencionalidade de apropriação dos espaços pela criança é feita

5 Referência ao conceito de não-lugar, criado por Marc Augé em 1992

pela lógica da brincadeira (Cf. Veloso, 2018), então é difícil que elas, que não tem poder de consumo[6] ou autonomia plena de circulação, tenham lugar habitando cidades construídas para a eficiência desse dois aspectos. Isso também afeta a capacidade dos adultos de reconhecer as demandas de uma infância urbana e legitimar facilmente o uso da cidade pela criança, pois essa ótica brincante não é costumeira de nossa forma de apropriação do meio urbano[7]. Verdade seja dita, agregar esta perspectiva à nossa vivência urbana seria bastante bem vindo, pois a forma de encarar a cidade dos pequenos pode revelar muitos aspectos, alternativas e possibilidades. Aprendendo a olhar a cidade pela ótica deles, podemos desenvolver empatia, esperança e inventividade, cultivando novas formas, mais humanas e sensíveis, de nos relacionarmos com a cidade e os cidadãos ao nosso redor. Veloso reconhece essa lógica, afirmando que o olhar da criança é capaz de:

> transgredir uma visão funcionalista dos espaços, primeiro porque, enquanto a cidade planejada "trabalha" na fábrica, "circula" pelas vias, "recrea" nos parques e "habita" as casas, a cidade da criança "brinca" a qualquer hora, em qualquer lugar, independente de qualquer especifismo. (Veloso, 2018, p. 40)

Por fim, é perfeitamente natural que cada tempo produza infâncias diferentes, influenciadas pelas particularidades de cada época. Portanto, reforço que, apesar do saudosismo da gerações anteriores, não faz sentido buscar uma infância presente que interaja com o meio urbano da mesma forma que as anteriores. Ainda assim, é uma constante que a vivência do meio urbano seja indispensável ao desenvolvimento integral das crianças e ao cultivo do sentimento de identificação com um local, comunidade e cultura, sendo parte da formação de sua identidade e visão de mundo. Urge, então, movermos os olhos dos impeditivos e focar nas oportunidades que as cidades modernas podem oferecer a este grupo social. O meio urbano é espaço de aprendizado e crescimento, sendo potencializador do que há de melhor na infância. Dias e Ferreira reforçam a importância da vivência da cidade, sendo esta

> [...] o espaço das relações sociais, das rotinas, do imprevisto, da improvisação, do espontâneo, da convivência, dos encontros (Sobarzo, 2006). Seus espaços públicos -praças, parques ou ruas- são elementos fundamentais que dão suporte à vida em comum, nos quais ocorrem tanto manifestações e conflitos quanto encontros, intercâmbios, festas e celebrações. A cidade se apresenta como locus da diversidade, o que possibilita a construção e o exercício da cidadania (Dias e Ferreira, 2015, p. 122)

Portanto, distanciar a criança do espaço público priva-a de encontros e estímulos essenciais ao seu desenvolvimento cognitivo, físico, interpessoal, emocional e crítico. Pulando de bolha em bolha, entre ambientes artificiais e controlados (condomínio -

6 A propaganda infantil faz com que essas crianças possam inflluenciar o consumo dos pais, assim sendo, elas tem algum nível de poder de consumo, mesmo que dependente de um adulto.

7 Para ajudar e exemplificar, na seção Fulanear, temos um exemplo do que seria abordar a cidade com uma ótica brincante.

carro - escola - carro - shopping), pseudopúblicos e homogêneos, a criança apenas vivencia um simulacro da realidade, uma caricatura, vendo por uma lente distorcida os conflitos e a diversidade de uma sociedade (Cf. Sobarzo, 2006), sendo assim, improvável cultivar um ser humano realmente atento à sua comunidade e cidade, criativo, inventivo, proativo, tolerante. É impossível criar um cidadão nesses moldes. É na cidade e no convívio com as diferenças e com o novo que adquirimos empatia e habilidades sociais. Crianças que deveriam se apropriar dos espaços públicos com fascínio e curiosidade, na verdade sentem estranhamento e medo, do desconhecido e dos outros, ficando reféns em espaços privados diante de uma promessa duvidosa de segurança.

A construção de uma cidade amigável à infância sempre será um bom indicativo. Uma cidade que seja acolhedora com as crianças, certamente será acolhedora às outras minorias, abraçando diferentes faixas etárias, etnias, corpos. abraçando e celebrando a diversidade. Uma cidade assim devolve à população o senso de comunidade, que tem se perdido já faz tempo e pode, inclusive, ser algo que ajude as pessoas até mesmo a lidarem com doenças neuronais, de forma que não se sintam tão sozinhos no mundo e se encarem como pertencente a uma comunidade. Além disso, é apenas em conjunto que temos força para nos engajar como atores políticos, defendendo nossos direitos e cobrando uma cidade justa. Uma cidade mais humana é uma cidade onde os moradores se sentem confortáveis para se articular em busca de melhores condições. O esforço na criação dessa cidade que escute a criança é o início de uma onda que cresce, desaguando na escuta de todos.

Passando da discussão à prática, Lopes, Madeira e Neto (2020), que colocam as crianças como "espacialistas", elencam alguns atores e sugestões que podem corroborar com este processo de criação de cidades consideradas com as crianças. Abaixo, reúno as indicações dos autores.

Primeiramente, afirmam que os adultos precisam se comprometer com esta causa garantindo:

> i) a permissão necessária para que a criança possa exprimir a relação com os lugares de um modo flexível, aberto e criativo (Lester & Russell, 2010), em que, para tal acontecer, os adultos devem relacionar-se com as crianças de forma não-autoritária (Brown, 2012); ii) [...] uma aceitação que as crianças ativamente resistem às narrativas dominantes e de subordinação impostas pela ordem adulta (Brown, 2017), na sequência de uma condição desigual de menos poder na relação com os adultos; iii) a criação de condições que reclamam políticas públicas urbanas potenciadoras de oportunidades para que todas as crianças e cada criança possa percecionar e participar na construção de ambientes amigos das crianças (Broberg, Kyttä, & Fagerholm, 2013). (Lopes, Madeira e Neto, 2020, p.35)

Quanto ao dever da cidade, e naturalmente, dos gestores, planejadores e agentes de transformação da mesma em geral, Lopes, Madeira e Neto sugerem alternativas que invertam "o processo de exclusão do corpo em movimento no espaço público" através do(a):

> i) [...] promoção da saúde e bem-estar da criança; ii) [...] diversificação e aumento das oportunidades de atividade física e de jogo; iii) [...] fortalecimento do

> exercício da democracia e da cidadania como processo resultante de uma cultura de interação e participação no e sobre o espaço urbano; iv) [...] redução da insegurança e tendências de guetificação do território; v) [...] aumento das possibilidades de encontro e de partilha intra e intergeracional." (Lopes, Madeira e Neto, 2020, p. 44)

Ainda, Lopes, Madeira e Neto acrescentam a necessidade de:

> " [...] readequar as condições espaciais e de circulação aos "olhos" das crianças, [...] remover os constrangimentos que existem nos espaços públicos para que o brincar livre possa emergir de acordo com a imprevisibilidade e flexibilidade que o caracteriza, [...] demonstrar aos adultos, enquanto principais cuidadores das crianças, que o campo livre de ação e de jogo das crianças na cidade depende também da disponibilidade do adulto em escutar a criança e da permissão de acordo com uma lógica não-hierárquica; [...] imzplementação de intervenções e iniciativas apoiadas pelas autarquias locais que, ao fecharem temporariamente ou em definitivo ruas e outros espaços ao trânsito automóvel, transformam esses espaços em lugares de jogo, lazer e de recreação, nos quais as comunidades (adultos e crianças) passam a ter um outro protagonismo e visibilidade." (Lopes, Madeira e Neto, 2020, p. 47)

Percebemos, então, que a solução demanda a colaboração de diversos atores e pertence tanto à esfera social, como à esfera espacial e, para que essa participação de fato aconteça, precisamos de dois movimentos: a garantia de uma participação eficiente da criança nas decisões sobre a cidade e uma sensibilização do planejamento e da gestão pública na adaptação da cidade, considerando as especificidades deste grupo (Cf. Veloso, 2018).

Para terminar, é necessário honestidade na luta por esta causa e reconhecer que mesmo a condição de dependência e limitações da criança não descartam a possibilidade desta ter a oferecer novas perspectivas úteis ao planejamento urbano. Pois mesmo nós, adultos, ainda estamos em formação e em amadurecimento, durante toda nossa vida, portanto, também temos nossa própria incompletude (Cf. Veloso, 2018).

Fotografia tirada pela autora em viagem do curso até a cidade de Areia - PB, em 2017

“A inclusão da criança na participação precisaria, necessariamente, vislumbrá-la por sua potência mais do que por suas incompletudes.”
(Veloso, 2018, p. 3)

“Não corras, vai devagar,

que aonde tens de ir só cabe a ti!

Vai devagar, não corras,

que a criança de teu eu, recém-nascida,

eterna,

não te pode seguir!” [1]

1 Poema de Juan Ramón Jiménez. Tradução de Luiza Lameirão

o brincar como ponte

Estabelecida a escuta das crianças como propósito basilar deste trabalho, surge o desafio: **como** ouví-las? Essa habilidade requer uma investigação acerca da linguagem da criança e suas diversas formas de comunicação.

Como artista, é impreterível manter a capacidade de autoexpressão artística sempre aguçada. Muitos falam de técnicas e fundamentos, mas os aspectos que considero mais elementares de qualquer prática de criação são a imaginação, o faz-de-conta e a inventividade. E a criação está por toda volta, nós criamos ao cozinhar, ao escrever, ao pintar, ao criar música, a (co)moção criativa faz parte da experiência humana, seja criando ou sendo tocado pela criação. O paradoxo disso reside no fato de que nós, adultos, aprisionados em nossa racionalidade, funcionalismo, pressa e preocupações, temos muita dificuldade em validar o espaço para o alimento da criatividade, que, faminta, a definhar, é como alguém do topo da Torre de Babel, com algo muito importante a dizer, sem ter meios de se expressar e ser compreendido. Dentre muitas outras finalidades, o ato de criar é a linguagem humana em seu estado mais cru e permite um tipo de comunicação que se utiliza de signos muito primitivos presentes em nós, se liga a um inconsciente coletivo, movido pela condição de *ser* (humano).

Quando crianças, esse modo de comunicação citado anteriormente nos é muito natural e traduzido, entre outras formas verbais e não verbais, na ato de brincar. Com o passar dos anos, somos incentivados a acreditar que o modo certo de se expresar é através da fala e da escrita, então essas outras formas de expressão vão ficando enferrujadas, até estarem cobertas de poeira em um canto escuro de nossas mentes. Para uma comunicação eficiente com as crianças, portanto, é necessário resgatar essa habilidade de nosso porão mental, limpar o pó e voltar a praticá-la. É aí que entra a brincadeira, para funcionar como ponte entre pesquisadora-comunidade e infância.

> Como expressa Schiller (1992): entre o impulso da forma e o impulso da vida, surge algo maior — o impulso lúdico. Brota da força de criação que reside em nós, como uma centelha divina. O ser humano é humano na medida em que ele cria de dentro para fora: cria pensamentos, sentimentos, ações. E o início dessas criações é o brincar. Impedir ou reduzir o brincar livre e espontâneo significa reduzir o potencial de cada ser de se tornar cada vez mais humano. Além disso, o brincar mistura idades, sexos, povos, culturas — assim, ele se torna contemporâneo. Por isso, o brincar criativo faz parte dos direitos humanos universais. (Ute Craemer, 2015, p. 48)

Cordazzo e Vieira (2007) definem brincadeira como uma atividade livre, que não pode ser delimitada e que, ao gerar prazer, possui um fim em si mesma. O brincar desempenha papel ativo no desenvolvimento de diversos setores durante a infância, como cognição, aprendizagem, socialização, desenvolvimento emocional da capacidade de comunicação, além de funcionar como um campo de autodescoberta e elaboração da própria condição de criança e vir-a-ser adulto.

"Como diz o poeta, filósofo e pedagogo português Agostinho da Silva (2000), a criança quando brinca suspende o tempo" (Lameirão, 2015, p. 79).

Uma grande aliada na defesa da brincadeira, é Renata Meirelles, confundadora do projeto Território do Brincar[1], que viaja o Brasil registrando o brincar espontâneo das crianças. No discurso de seu TEDx São Paulo, em 2016, fala:

> O aprendizado se dá pelos sentidos. Pelo olhar, pelo escutar, pelo pegar, pela experiência vivida. Isso as crianças já sabem, mas elas vivem isso de forma espontânea, de forma livre. Se queremos assumir uma sociedade que pode se expressar livremente pela sua própria potência, precisamos acreditar efetivamente no que fazem as crianças, precisamos acreditar na infância. O brincar é um ato de resistência pela vida essencial.

O brincar é uma forma de cultivo da autonomia. Uma criança que se desenvolve sem a possibilidade do brincar pleno, cresce achando que alguém a dirá quem deve ser, o que ela deve fazer, e o que deve desejar, quando isso é um processo íntimo e particular dela. Se quisermos formar cidadãos independentes e inventivos, não adultos manipuláveis e incapazes, precisamos, acima de tudo, permitir que as crianças brinquem em sua total potência, construam, destruam, escalem, desmontem, desorganizem, risquem, corram, pulem. Como diz Gandhy Piorsky, "as crianças gostam de saber o que tem dentro, saber o que é a vida das coisas. E ela se manifesta no imaginário como uma coisa oculta, que está na entranha da matéria. Então, as crianças precisam quebrar, abrir, investigar. Porque o oculto é a alma de tudo."

confira o vídeo da palestra de Renata Meirelles no TedEx e o pdf do livro Território do Brincar nos QR Codes ao lado:

TedEx

PDF

Além de um ato de resistência, a brincadeira também é um ato político. É nela em que as crianças criam mundos imaginários, paralelos aos mundos dos adultos, onde fazem suas próprias regras. É onde se libertam da dominação adulta através da imaginação, onde podem lidar com seus conflitos e frustrações. Vygotsky explifica que, à medida que a criança vai crescendo, cada vez de forma menos imediata seus desejos vão sendo atendidos. Em contrapartida, quase como numa elaboração dessa frustração, o brincar é onde a criança é o que quiser e tem o que quer, de forma imediata. Tudo isso ocorre de forma completamente espontânea.

> As crianças utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo a seu modo e, dessa forma, questionam o universo dos adultos. Elas já nascem em um meio pautado por regras sociais e o seu eu deve adaptar-se a essas normas. Na brincadeira, ocorre o processo contrário: são as normas que se encaixam em seu mundo. Não é uma tentativa de fuga da realidade, mas, sim, uma busca por conhecê-la cada vez mais. No brincar, a criança constrói e recria um mundo onde seu espaço esteja garantido. As pressões sofridas no cotidiano de uma criança são compensadas por sua capacidade de imaginar; assim, fantasias de super-heróis, por exemplo, são construídas. (Melo e Valle, 2005 *apud* Rolim, Guerra e Tassigny, 2008, p.177)

Podemos, então, considerar a brincadeira como veículo da vontade da criança. O que não é falado facilmente, pode de forma natural ser expresso através da brincadeira, sendo, portanto, uma forma de compreender, se analisada de forma atenta e sensível, as necessidades mais básicas de uma criança e todo o universo que se passa dentro dela.

Rubem Alves (2002), pedagogo, conta, em uma coluna à Folha de São Paulo, uma pequena história:

> O professor Pardal gostava muito do Huguinho, do Zezinho e do Luizinho e queria fazê-los felizes. Inventou, então, brinquedos que os fariam felizes para sempre, brinquedos que davam certo sempre: uma pipa que voava sempre, um peão que rodava sempre e um taco de beisebol que acertava sempre na bola. Os três patinhos ficaram felicíssimos ao receber os presentes e se puseram logo a brincar com seus brinquedos que funcionavam sempre.
>
> Mas a alegria durou pouco. Veio logo o enfado. Porque não existe nada mais sem graça que um brinquedo que dá certo sempre. Brinquedo, para ser brinquedo, tem de ser um desafio. Um brinquedo é um objeto que, olhando para mim, me diz: "Veja se você pode comigo!". O brinquedo me põe à prova. Testa as minhas habilidades.

O trecho acima expõe outro componente do brincar: o brio, acompanhado da altivez e da curiosidade A brincadeira é o lugar onde as crianças podem acertar e errar sem punições, por isso o constante movimento de desconstruir para reconstruir e o desordenar para ordenar (Cf. Melo e Valle, 2005 *apud* Rolim, Guerra e Tassigny, 2008, p.177). É preciso que exista espaço e oportunidade de solucionar, descobrir, explorar, resolver, destrinchar, para que a brincadeira seja interessante, por isso, um brinquedo que dá certo sempre se torna tedioso. Isso nos leva a refletir sobre o tipo entretenimento oferecido às crianças nos dias de hoje como, por exemplo, vídeos no Youtube, brinquedos muito específicos e/ou tendenciosos (outro dia vi uma mini airfryer em uma vitrine de loja de brinquedos). O brincar na atualidade tem sido tão hipercondicionado que não sobra espaço para que a criança se coloque, crie, invente, imagine. Isso impacta na construção da noção de indivíduo da criança, pois é no brincar que ela pode se impor e se descobrir, através dessas lacunas imaginativas que ela preencherá por si mesma.

Além disso, a constante construção e divulgação de uma cultura do medo nos faz acreditar que o único jeito de defendermos as crianças é aprisioná-las em bolhas com controle e vigilância constantes, para que nada as atinja. Nada de ruim. E nada de bom também. Uma criança precisa de estímulos, do novo, do experimentar. Nós, como adultos, devemos sim defender a integridade física e psicológica de uma criança, mas também cabe a nós defender o direito de uma criança cultivar a si mesma, se descobrir e ao mundo ao seu redor. Nesse sentido, a cidade é privilegiada, pois é onde todos os sentidos são instigados: sons, cheiros, texturas, uma oferta de imagens, pessoas, bichos, coisas, situações. É onde natureza e concreto, estática e movimento se encontram. Imagine como isso pode ser instigante para a criança!

Há uma frase de Picasso, que é a seguinte: "Levamos muito tempo para nos tornar jovens. Quando vejo pinturas de crianças,

dou-me conta de que só agora posso iniciar meu trabalho de juventude. Quando tinha a idade delas, era capaz de desenhar como Rafael... Mas levei anos para aprender a desenhar como uma criança" (Picasso *apud* Claret, 1985, p. 80). Ela me lembra como subestimamos as crianças e seus modos de decifrar e se apropriar da realidade. Brincamos desde sempre e, se formos sortudos, nunca deixaremos de brincar, aos nossos próprios modos. Sempre que houver uma chance, brinque. Afinal, vida é finita demais para ser levada sem irreverência e diversão.

Concluimos, então, que a brincadeira, além de ser essencial para as crianças em diversas áreas de seu desenvolvimento, também é uma linguagem poderosa e apropriada a ser empregue na criação de uma material que vise a escuta das crianças de forma pura e genuína.

> Dar voz às crianças significa oportunizar tempos e espaços nos quais elas possam "falar, dizer, expressar-se" de forma espontânea, por meio de suas linguagens verbais e não verbais, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos. (Friedmann, 2015, p. 41)

Foto: Rosiane Alves, 2018.

contexto

sobral

solo fértil

Na região norte do estado do Ceará fica a cidade de Sobral, chamada carinhosamente de Princesa do Norte. Com 252 anos de história e uma população de cerca de 203.023[1] pessoas, hoje figura como a maior referência em crescimento e desenvolvimento econômico do interior do Ceará, funcionando como um centro regional nas áreas de educação, saúde, comércio, lazer e cultura[2]. Possui um patrimônio histórico de grande riqueza muito bem conservado e uma população que, apesar do calor escaldante, é muito peculiar, cheia de vigor e bairrismo.

As excelentes políticas públicas educacionais da cidade são reconhecidas, rendendo diversos prêmios, como o primeiro lugar por dois anos consecutivos no Prêmio Band Cidades Excelentes[3], tendo sido, por três vezes consecutivas o município com maior número de premiações no Prêmio Escola Nota Dez[4] e ficando, em 2021, em primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) entre os municípios brasileiros com mais de 50 mil habitantes[5].

Em 2013, Sobral assumiu compromisso com o Programa Prefeitas e Prefeitos Amigos da Criança, da Fundação ABRINQ. Programa este que, "fortalece a ação dos gestores municipais, oferecendo suporte técnico para implementarem ações e políticas públicas que resultem em avanços na garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, e consequentemente mecanismos recomendados pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)"[6] . Desta parceria surgiu o Plano Municipal Para a Infância e a Adolescência (PMIA), aplicado entre os anos 2014 e 2023. Sendo, muitas das conquistas citadas anteriormente, comprovações do esforço da gestão da época no cumprimento deste plano.

Outro documento que resguarda a infância na cidade de Sobral é o Plano Municipal da Primeira Infância (PMPI), cuja primeira redação data de 2015 e em 2022 foi revisado, acompahando o Plano Nacional da Primeira Infância - atualizado em 2020 e sendo influenciado pelas mudanças ocasionadas pela pandemia de COVID-19, que acentuou um contexto de vulnerabilidade já existente neste grupo social. Esse documento é um grande marco, pois o

1 IBGE, Censo 2022: População e Domicílios - Primeiros Resultados - Atualizado em 22/12/2023

2 Ver https://www.sobral.ce.gov.br/a-cidade/historia. Acesso em 04 de fevereiro de 2025

3 Ver https://educacao.sobral.ce.gov.br/noticias/principais/sobral-conquista-1-lugar-em-educacao-no-premio-cidades-excelentes#:~:text=Sobral%20saiu%20vencedor%20do%20pilar,a%20nota%2069%2C39). Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

4 Verhttps://educacao.sobral.ce.gov.br/noticias/principais/premio-escola- nota-10-educadores-de-sobral-celebram-a-aprendizagem-dos-estudantes#:~:-text=Em%20Sobral%20foram%20premiadas%20nove,%C2%B0%20ano%20do%20Ensino%20Fundamental. Acesso em 04 de fevereiro de 2025

5 Ver https://educacao.sobral.ce.gov.br/noticias/principais/sobral-ocupa-o-primeiro-lugar-do-brasil-no-ideb-de-2021-entre-municipios-com-mais-de-50-mil-habitantes#:~:text=Sobral%20conquistou%20a%20nota%208,o%20munic%C3%ADpio%20tamb%C3%A9m%20se%20destacou Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

6 Ver https://fadc.org.br/o-que-fazemos/programa-prefeitas-e-prefeitos-amigos-da-crianca. Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

município reconhece os direitos das crianças de 0 a 6 anos e sua cidadania, se comprometendo com políticas públicas voltadas para essa faixa etária específica.

A partir de 2021, o município passou a integrar a rede de cidades contempladas pela iniciativa Urban 95, com o "objetivo de apoiar os municípios parceiros na criação e fortalecimento do planejamento de toda a cidade levando em consideração a perspectiva do bebê, crianças pequenas e seus cuidadores". Atualmente a iniciativa conta com 28 munícipios espalhados pelo Brasil.

Crianças brincando em ação de urbanismo tático no bairro Sumaré, em Sobral (CE). Fonte: Prefeitura de Sobral

Como parte deste compromisso, a prefeitura, junto ao Urban 95 e ao CECIP sistematizaram as propostas e intenções em um conjunto de publicações chamado Caminhos da primeira infância em Sobral (2021), composto por dois volumes:

> VOLUME 1 - ENTORNOS ESCOLARES SEGUROS: Trata da importância do espaço urbano na vida das crianças e destaca a necessidade de criar ambientes seguros, acessíveis, acolhedores e estimulantes para o seu desenvolvimento, especialmente no entorno de equipamentos educacionais como creches e escolas. Seu objetivo é promover a mobilidade ativa e segura, incentivando o transporte a pé e de bicicleta como alternativas saudáveis e sustentáveis para deslocamentos urbanos."

> VOLUME 2 - ESPAÇOS NATURALIZADOS: Enfatiza a importância de espaços naturais de convivência e lazer para as crianças nas cidades, como parques, praças e áreas verdes. Os espaços naturalizados, especialmente desenhados para oferecer experiências ao ar livre e em contato com a natureza, permitem que as crianças explorem, brinquem e aprendam em ambientes naturais e infraestruturas baseadas na natureza, promovendo habilidades importantes para o desenvolvimento infantil, além da consciência ambiental e da educação sobre a sustentabilidade.

Os dois volumes defendem a importância do envolvimento da população pela metodologia participativa, através de consultas públicas e oficinas e também se propõem a fazer avaliações posteriores às ações, para entender os impactos das políticas aplicadas e reajustar o que for necessário.

Estratégias utilizadas nos projetos de parques naturalizados em Sobral.
Fonte: Caminhos da primeira infância em Sobral (2021)

O segundo volume compila um tema muito interessante e especialmente importante na cidade de Sobral, pois um dos maiores empecilhos para a vida urbana é o clima quente e seco da cidade, então a proposição de espaços naturalizados surge como uma ótima alternativa para tornar a sensação térmica mais amena.

Alguns exemplos de ações realizadas em Sobral provenientes das propostas citadas acima foram:

- A Praça do Jardim Botânico, que conta com "mobiliários e percursos para brincadeiras lúdicas, circuito ecológico, além de área arborizada e sombreada para o maior conforto da população".

- A transformação de uma via antes destinada a carros, em frente a um Centro de Educação Infantil, em uma pracinha moldada para a primeira infância, no bairro Sumaré. Entre as mudanças podemos citar a ampliação de calçadas, sinalização adequada, redutores de velocidade em pontos estratégicos, arborização, pisos e paredes coloridos e novos mobiliários e brinquedos[7].

- O lançamento de um Plano de Bairro Amigável à Primeira Infância, o documento "organiza a criação de um ambiente urbano que favoreça o desenvolvimento saudável e seguro de bebês e crianças, oferecendo suporte adequado aos cuidadores e promovendo a inclusão e o bem-estar da comunidade". Durante o lançamento, cartilhas foram entregues à população, explicando, de forma acessível sobre o plano. Algumas experimentações em urbanismo tático já foram feitas, para testar a eficiência e a recepção de ideias[8].

- As estratégias dos parques naturalizados foram aplicadas no Parque da Integração, no bairro Dom José, no Parque da Lagoa da Fazenda, no bairro Coração de Jesus, no Parque da Cidade, no

.....

7 Ver https://urban95.org.br/sobral-transforma-via-destinada-a-carros-em--espaco-para-a-infancia/. Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

8 Ver https://urban95.org.br/sobral-lanca-plano-de-bairro-amigavel-a-primeira-infancia/. Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

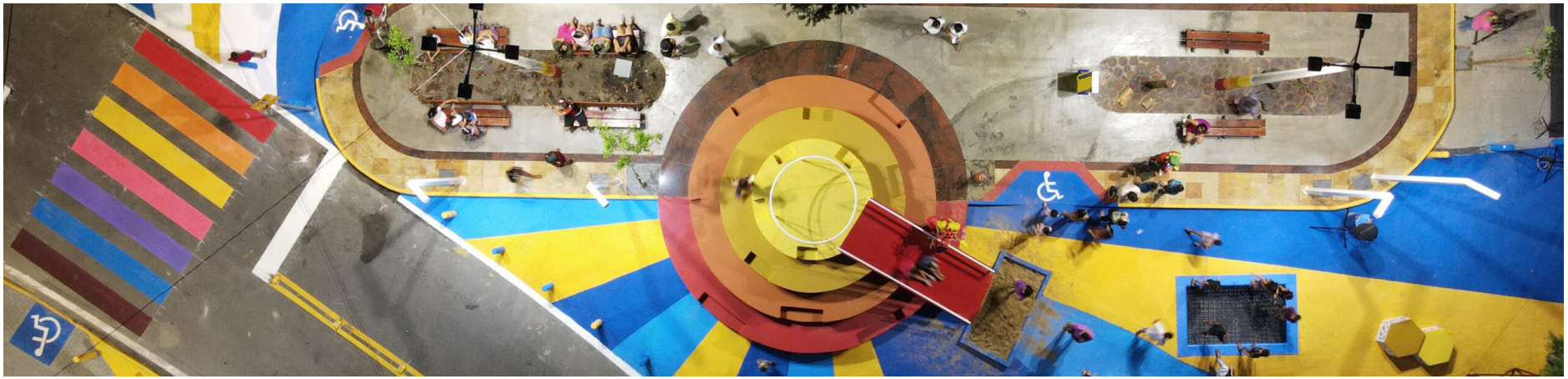
bairro Campo dos Velhos, na Pracinha da Primeira Infância e na Travessa São Judas Tadeu, no bairro Sumaré, na Praça do Jardim Botânico, no bairro Vila União e na Vila Olímpica Norte, no bairro Pedro Mendes. Entre as estratégias utilizadas, podemos citar mobiliários como trepa tocos, escaladas, passarelas de equilíbrio, jardim sensorial, túnel vivo etc. Além disso, diversas instituições educativas receberam pátios naturalizados.

A primeira infância também foi contemplada na revisão do Plano Diretor Municipal, em 2023, com uma seção específica voltada para esse público e seus cuidadores, sugerindo ações que fortaleçam o vínculo das crianças com a natureza, melhorias nas áreas verdes e de lazer, além de opções de transporte e percurso seguros e agradáveis. Esse processo ocorreu de forma participativa, contando ativamente com as crianças e seus cuidadores. Dentre as demandas colocadas, podemos citar "a expansão de calçadas, o aumento da arborização e a criação de espaços públicos mais propícios à interação e ao desenvolvimento saudável da primeira infância" [9].

Assim sendo, temos provas suficientes do respeito que a cidade de Sobral dedica aos direitos e à cidadania das crianças e o interesse e abertura em desenvolver discussões sobre o tema, escutar as demandas da população, e elaborar ações sensíveis e eficientes, em prol de oferecer um ambiente urbano amigável e seguro para um desenvolvimento saudável das crianças. Podemos confirmar, então, que este é um território fértil para a aplicação deste trabalho, no qual o produto final pode ser bem vindo e útil.

9 Ver https://urban95.org.br/novo-plano-diretor-de-sobral-inclui-perspectiva-da-primeira-infancia/. Acesso em 04 de fevereiro de 2025.

Vista de topo de crianças brincando em pracinha construída para a primeira infância no bairro Sumaré, em Sobral (CE). Fonte: Prefeitura de Sobral.



fulanear

Sobral não foi apenas uma escolha conveniente, mas simbólica. Morei entre os 5 e 17 anos aqui, e tive infância e adolescência muito confinadas à casa de primeiro andar de meus pais, acessando a cidade apenas nos 5 minutos até a escola ou pela varanda, da qual se pode ver o Centro de Convenções. Quando fui parar em João Pessoa, longe da hiperproteção parental, algo que eu gostava muito de ter a oportunidade de fazer era perambular por aí (não que como estudante falida eu tivesse outra opção além dessa para resolver os *BOs* da vida). Por escolha ou não, eu adorava andar. Subia e descia a Josefa Taveira, me perdia e me achava nas ruas do Centro, vez ou outra recompensada com uma ladeira surpresa emoldurando um pôr do sol. E pela minha natural distração e péssimas habilidades de geolocalização, muitas vezes entrava na rua errada e acabava flaneando sem querer. Nessa brincadeira, passei a me apaixonar de verdade pelo urbano, pois como eu sempre dizia nos encontros de Urban Skecthing[1], a cidade nunca me decepciona em oferecer surpresas, basta estar atento e paciente. Peguei gosto por isso, pela excitação de sair e saber que nada pode me preparar para o inesperado, o diferente, o irreverente, o estranho, o pitoresco, o caricato, o belo, o sonoro, o delicioso, o perfume da cidade. Cada passeio, uma nova aventura, bastava estar disposta. Ao longo de seis anos em João Pessoa, fui criando cada vez mais afeto pela cidade e, com o fluir do curso, ela foi ganhando novas camadas de significação para mim. Cultivei muitos lugares especiais, todos em meu coração ainda. *Pega um 300 na Praça da Paz, desce na Lagoa, sobe até a Barão do Rio Branco, sinta o caos e o cheiro do cajá, costure seu caminho ladeira acima. No meio do caminho, pausa obrigatória: tomar um suco geladinho e baratinho no Super Suco. Desvia dos chips da Tim e das consultas em ótica.Paciência e atenção ao atravessar a rua! Ande um pouco além da estátua do Jackson do Pandeiro (quem quebrou a mão do bixinho?). Olha! A loja de discos está aberta! E UAU, a praça se abre do nada, vá até o meio dela, olhe pra cima, as copas das árvores formam uma cúpula densa, mas se olhar com atenção, elas não se tocam. Com sorte, será um sábado e o Sabadinho Bom estará rolando, compre uma Skol ou um Axé e arrume um par pra entrar na roda de choro. Subindo um pouco mais chegamos à Cachaçaria Philipeia (quem está eternizado no perfil do Instagram deles em uma foto estourada faz parte da realeza da cana). As de sempre: a de jurema e a mistura especial de anis estrelado, cravo e canela. Seu Carlos um dia sugeriu que eu largasse a Arquitetura e fosse fazer Engenharia Química para virar o Heinsenberg da Jurema. Em tempos passados (nunca te perdoarei, Vigilância Sanitária!), era servido, no casarão interligado à cachaçaria, simplesmente o melhor, O MELHOR, rubacão do mundo e toda ida ao centro já tinha almoço marcado. Caso fosse de tardinha, não tinha problema. Era tomar uma dose e subir pra General, se deslumbrar com a vista e com o sol poente. Tá com tempo e é terça? Maravilha! Fica pro jazz.* Esse é só um dos roteiros de muitos que derretem meu coração nessa Parahyba.

Em 2023, a vida me jogou de volta em Sobral e me engracei por um *flâneur* de bigodes. Ele então segurou minha mão e dessa vez eu não estava mais flaneando sozinha. Conhecia, pela primeira vez a cidade na qual morei 12 anos. Rafael me levou pra conhecer os lugares afetivos dele na cidade e cultivamos os nossos próprios tesouros urbanos também. Tomamos café no Jaibaras com os idosos fãs de política e futebol (lá você descobre o maior mentiroso do Becco), bebemos no Groaíras como bons

1 Movimento de croqui urbano, onde os participantes se reúnem para desenhar na rua. Ver: https://www.instagram.com/uskjoaopessoa/.

alternativos, fizemos piquenique na Margem Esquerda, passeamos nas feirinhas das quintas na Praça São João. Gostamos de inventar motivos pra passar pelo Becco e preciso de muito autocontrole pra não comprar plantas no senhorzinho na esquina da Praça de Cuba! Fizemos amigos, como o Seu Rogério, do bar perto do Pinheiro ou o seu Leopoldo Bôto, dos bares e casas de aposta, e ficamos eufóricos com campanhas de adoção de bichinhos, feiras orgânicas, exposições de arte, feiras de livro, chorinhos, sambas, côco de roda e em como a cidade é o espaço perfeito para tudo isso. Apesar dos nossos esforços para vivenciar a cidade, nem sempre é tão viável. Na maior parte do ano, o clima não dá trégua e só é possível sair de casa sem se sentir um *nugget* em uma *airfryer* entre 5h e 8h da manhã e depois das 18h. Ainda existe muito sensacionalismo sobre o crime da cidade, em muito por conta das narrativas apresentadas nas mídias locais, como rádios. Às vezes, apesar dos esforços (digo, em particular, da gestão passada, ainda não posso avaliar a gestão atual) em criar oportunidades para a ocupação o espaço público, nem sempre há adesão da população. Então o encatamento pelo urbano vai cambaleando, pois o espaço público não tem graça sem as pessoas. Seguimos, eu e Rafael, tentando ocupar a cidade na medida que podemos, mas sabemos que é um desafio.

Ainda sobre andar por Sobral, é engraçado como o simples ato de estar disposta a passear me fez descobrir lugares que sempre estiveram lá e eu nunca reparei. É uma cidade completamente nova essa que eu tenho descoberto a cada passeio. E apesar de conhecer agora vários cantos por aqui, ainda tem uma lacuna em mim, a lacuna da Pequena Rosy que não pôde ser criança nessa cidade. Então fica o paradoxo: como posso falar sobre a infância na cidade, se fui privada de uma? Assim sendo, o que me falta em conhecimento de causa, me torna, também, mais uma dessas crianças às quais busco dar voz com este trabalho. Cada passeio também tem um pouco da Pequena Rosy recuperando essa infância negada.

A seguir, um breve relato sobre uma destas flaneadas recentes. Algumas partes do texto podem soar um pouco confusas, pois escrevi como uma torrente de pensamentos, talvez ajude a compreensão tentar se imaginar caminhando comigo. Ao fim do relato, disponibilizo fotos em sequência cronológica dos eventos relatados. Que tal se a gente brincar de ligar a foto ao fato? Bom passeio!

5/4/25 - 9h, na frente da Princesa do Norte

São cinco do quatro e faltam vinte e poucos dias para entregar o TCC. Corre, menina, corre escrever esse trabalho! Bloqueada e estressada, pensei que já que estou escrevendo sobre a cidade, nada melhor do que parar e ir passear para dar uma inspirada, nos dois sentidos. Não costumo levar o celular para o Centro, por medo de assalto, mas dessa vez eu queria tirar algumas fotos para compartilhar com vocês, então levei.

Como os franceses dizem: *flanear*.

Como eu gosto: *fulanear*.

Eu tenho medo do mercado, sabe? Dia desses eu só queria comprar manjericão e o Rafael quase leva uma facada.

Tava acontecendo uma passeata sobre autismo na Coluna da Hora quando cheguei. Bonito, cheio de gente, cheio de criança.

Engraçado, eu chamei o Rafael pra ser meu guarda costas, eu não confio na cidade pra me guardar.

Sempre alerta, sempre rápido, olha de um lado pro outro, segura firme a bolsa, observa o perigo.

Acho que chamei o Rafael para tentar isolar a camada do medo, como se ele fosse meu cuidador ideal. Me protegendo e resguardando, mas também tendo paciência e me deixando brincar.

Não pega o celular, garota! Entra na Americanas pra ver as mensagens.

Deixei mainha sozinha. E se ela cair na calçada? Pior, e se ela cair nessa rua cheia de carro? E se ela não souber se virar sozinha aqui no Centro? A cidade é tão hostil. Ela pode perguntar pra alguém, né? Mas e se fizerem ela de boba?

Tanta gente, tantos cheiros.

Queria fazer isso com mais calma.

Cadê o Rafael?

Detesto quando o Rafael não leva o celular pros cantos.

Detesto quando o Rafael leva o celular pros cantos.

Cadê o Rafael?

O ambulante que vende coisas na porta da Princesa mandou eu sair do meio, porque era passagem. Fiquei pistola, nem no meio da passagem eu tava, era bem no cantinho. E ele está ocupando tanto da passagem quanto eu, diga-se de passagem. Há muito espaço para passar. Acho que ele deve estar se achando muito guardião da entrada da Princesa.

Pior que tô na passagem sim, mas nem me dei conta, porque estou ansiosa. Acho que tava lá porque assim me sinto mais segura, na fronteira privado/público, me sinto mais resguardada. Mas mesmo de...

Chegou! UFA! Vamos começar o passeio!

Cheiro de ração, que lindos gatinhos. Queria levar aquela pequenininha branquinha pra casa.

Moço, se eu passar mais 5 segundos aqui vou levar todos!

Bem papocou alguma coisa na Rihomo, a Enel tá lá.

Que coisa, todas as pessoas com crianças seguram muito forte os braços delas, me lembra minha mãe. Deve doer.

Olha um mini querido soltinho! E ele tá tão alegre!

Corre, vamos passar enquanto o sinal está fechado!

Menino, olha que o Jaibaras hoje tá lotado! E tá tendo gravação do Ivan Frota, é? E aquilo é... um gaúcho??? E de havaiana rosa, divo demais.

Eu sou muito apaixonada por esses parassóis aqui no Becco.

Nossa, tem um morador de rua dormindo bem do lado de onde estão gravando o programa, que contraste.

Esse mascote de chave é tão engraçado.

Não posso esquecer de fotografar o Salão Cometa!

Rapaz, a febre dos livros de colorir chegaram na Max.

Huuum, um pastelzinho do Chinês. Mas da última vez deu azia, melhor não.

Valha fecharam o café aqui do lado e abriram uma sorveteria.

Será que seu Jorge do Beco vai montar a banquinha dele hoje?

Abriu uma nova galeria de lojinhas, vamos ver! Olha que fofa essa escada colorida.

Banquinha de frutas! Aquilo é pitomba?

Mas hoje o centro tá um formigueiro mesmo, né? Lotado de gente.

Te amo, beco dos guarda chuvas!

A Igreja do Rosário tá aberta, vamos ver! Olha que fofo essa bebê na cadeirinha da bicicleta!

Caramba, o carrinho do pirralho vira Transformer!

E a Praça de Cuba tá cheia de gente, o que tá tendo ali? É coisa da saúde, parece. Mas tem uns brinquedos de criança, vamos ver!

Divo demais com a camiseta de boteco. Os balões ficaram parecendo nuvens.

Ah um milhinho agora! Que chegue logo o tempo da pamonha, os milhos desse moço são muito bons.

Que árvore linda e enorme! E cresce bem no meio da rua.

18h30 - da casa do Rafael até o Arco

Quando eu passo aqui, preciso girar a roda vermelha que faz música!

Olha, tá tendo coisa no teatro! É ballet infantil! Gratuito!

Ei, também tem aquela exposição nova na Casa de Cultura, sabia?

Ei, sabia também que eu descobri que as feirinhas de quinta feira continuam acontecendo aqui na praça do teatro? Parece que mesmo o prefeito mandando tudo virar estacionamento, os feirantes interviram e conseguiram permanecer no lugar.

Crianças nos mais diversos mini automóveis e motocas possíveis. Vários cavaletes para as crianças pintarem, bonecos de gesso pra pintar, slime, pipoca da Magali! Muitos pula pulas. Quando que o arco foi colonizado por pula pulas? Piscina de bolinhas, escorregador. TRENZINHO! Meu deus, o Homem Aranha e o Flash ali na cadeira de massagem!

Nossa, tem duas crianças ali na frente da farmácia com os pais pedindo esmola. Que cena, tanta diversão aqui desse lado da rua e elas lá do outro. Mas essa diversão aqui é toda paga.

Batalha de rima!

Do nada inflaram um castelinho enorme no Tako.

Vamos embora!

A praça do bosque fica tão escura e vazia de noite, dá pra ver até os morcegos rondando.

Eu gosto quando vejo essas rodinhas de idosos conversando na parte de fora de casa, me sinto mais segura.

Ai como é bom chegar em casa.

Lojas A

RIHOMO

SECCO DO OTOVELO
SHOW DO
IVAN
NUNCA VOU TE ABANDONAR

CAFE JAIBARAS

715
A AQUI
1 MINUTO

CIROS

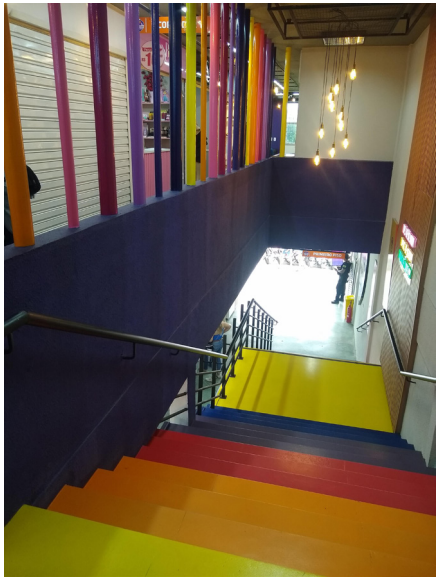
SALÃO COMETA
127
BARBE ARIA DES DE

facta

Livraria, papelaria

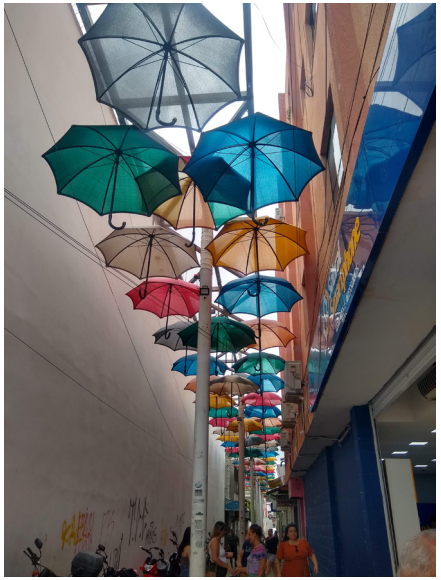
delrio
Lanchonete
Top Lanches
O melhor lanche da cidade.

VK CELL



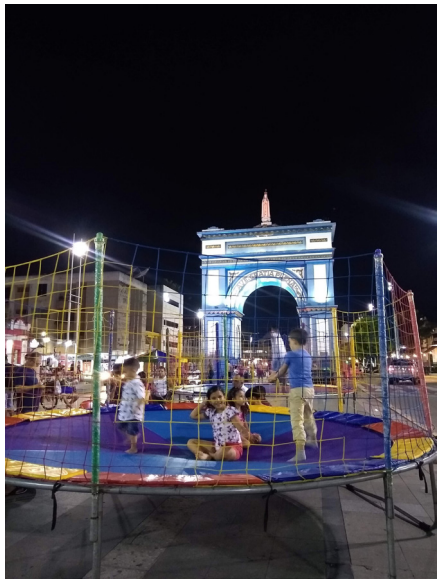
Presentes
+ BARATO QUE ÓTICA

Presentes

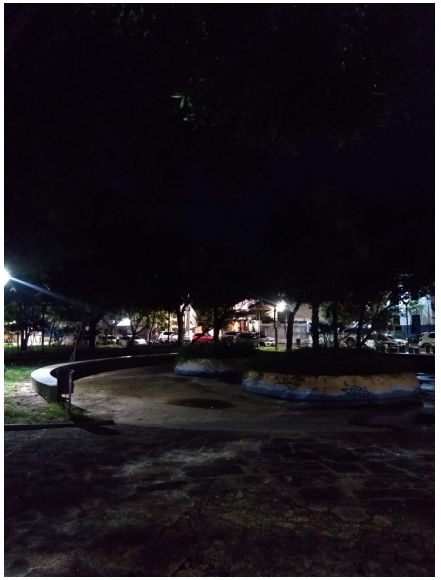


LEVE 3 GRÁTIS
LEVE 3 GRÁTIS

LEVE 3 GRÁTIS



Fª Agostinho Feijó



Esse texto foi escrito parte num bloquinho de notas que estava comigo no dia e parte compilando os pensamento que lembrei ter tido na hora ao rever as fotos do passeio. Curioso como um relato tão espontâneo guarda tanta significação. Relendo após finalizá-lo, notei algumas coisas.

A primeira, é a mudança completa de postura após a chegada do meu companheiro, o que percebo como a sensação inconsciente de que uma mulher sozinha está em perigo, mas acompanhada de um homem, já não está mais, o que nos leva tanto a recortes de gênero na relação com a cidade, como à ansiedade que martela nossas cabeças, causada pela cultura do medo.

A segunda são os contrastes que banalizamos, presentes tanto na cena dos moradores de rua dormindo ao lado de onde o programa de rádio está sendo gravado às alturas, como na cena das crianças pedindo esmola enquanto do outro lado da rua, temos dezenas de pula pulas cheios de crianças. Ainda neste cenário das crianças no Arco, à primeira vista, me deslumbrou a quantidade de crianças se divertindo, mas depois percebi que todos aqueles entretenimentos eram pagos, não havia nada gratuito que uma criança pudesse fazer para se divertir ali. Então mesmo aquela cena, era movida muito mais pelo consumo do que pelo intuito da brincadeira. Para além disso, foi curioso notar a replicação dos mesmos tipos de brincadeiras: colorir, pular ou andar no carrinho.

Uma terceira coisa que notei, foi a dificuldade de andar nas calçadas após a reabertura das ruas aos carros. Os traseuntes praticamente se esbarravam. No Centro, também reparei que, apesar de ver muitas crianças, elas estavam quase que sempre fortemente agarradas pelos cuidadores, quase que de forma hostil. Se a criança reclamasse, levava bronca e grito ali mesmo no meio da rua. E sempre os pequenos precisavam seguir o ritmo frenético dos adultos, não havia espaço pra que eles também tivessem um momento só deles com a cidade.

Compreendo, então, que o exergar a cidade é mais do que o olhar romantizado perante ela, é também dar-se conta das contradições e injustiças, movimento que é desconfortável, pois é muito mais cômodo cegar ao que acontece ao nosso redor e focar apenas nos nossos conflitos pessoais, do que engajar-se como cidadão parte de uma comunidade. Neste relato também confirmo a força que um passeio sem compromisso tem, se feito de forma atenta e presente, de descortinar coisas óbvias e oferecer momentos preciosos. Lembra que o brincar não tem finalidade? *Flanear* pode ser brincadeira também.

encontros e sobrincar

encontro 01
consciência dos trajetos

O primeiro encontro com as crianças da Escola Arco Íris ocorreu no dia 05 de novembro de 2024, entre 15h30 e 16h10. Como seria meu primeiro contato com as crianças, me encarreguei de estabelecer um momento inicial para me apresentar, explicar meu objetivo e também conhecê-las.

O tema da atividade a ser realizada nessa reunião foi pensado de forma a abordar um assunto cômodo e familiar às crianças que tivesse relação com a cidade. E sobre o que seria mais fácil de falar do que seus caminhos entre casa e escola? Esse vai e vem diário talvez seja, para muitas crianças, o momento mais considerável de contato com a cidade que tem.

Portanto, pedi que as crianças desenhassem seus trajetos de casa até a escola, representando o que lembravam no momento como aspectos mais marcante desses caminhos. A escolha dessa prática também veio inspirada por outras experiências em escolas citadas no início deste trabalho, cujos resultados foram muito interessantes e elucidativos.

Enquanto desenhavam, aproveitei para preencher algumas fichas com informações sobre as crianças. Estas revelaram que as crianças tinham entre 6 e 10 anos de idade, se deslocando, em sua maioria, de carro até a escola. A maior parte morava em bairros vizinhos. Dentre as coisas que mais gostavam, citaram esportes, videogame, shopping, piscina, cinema, brincar, dormir e comer. Já as coisas que menos gostavam seriam fazer redação, ler, estudar e lavar a louça.

Ao todo foram coletados nove desenhos. Os mapas mentais não revelaram muitos elementos, a maior parte apresentava apenas ruas e algumas árvores, sem pontos de referência claros. Alguns elementos presentes foram a Escola SESI, uma placa de PARE (apareceu em mais de uma vez, inclusive), e uma faixa de pedestre. Em um dos desenhos, a criança se representou escutando música no carro, o que nos leva a indagar se essa ausência de elementos poderia ser explicada pela distração da criança no carro com alguma tela, livro ou brincadeira e não necessariamente por uma capacidade de percepção rasa. Outro ponto a se pensar é que a própria escola se localiza relativamente distante do centro urbano e a maioria das crianças moram em bairros ainda mais distantes, tendo pouco contato com a vida urbana em seu deslocamento. Outros possíveis motivos para o vazio nos desenhos poderiam ser, também, o cansaço pelo horário ou o desconforto pela presença de uma pessoa nova.

Nesse encontro inicial fiquei surpresa com o acolhimento das crianças, que foram muito solícitas, e também percebi que a ideia de uma aplicação extremamente organizada não funcionaria muito na prática, pois as crianças tem o próprio jeito e ritmo de fazer as coisas e que eu deveria, acima de tudo, respeitar isso e deixar que também conduzissem os encontros de acordo com seus quereres.

Ao aplicar essa mesma atividade em outras escolas, no passado, os desenhos apresentaram uma riqueza de detalhe e suscita-

ram muitas oportunidades de conversa. Então admito que estava bastante animada para conferir o resultado dos desenhos recolhidos no primeiro encontro na Escola Arco Íris. Minha primeira reação, como humana e entusiasta, foi de frustração ao me deparar com a falta de elementos, apenas ruas e mais ruas. Depois recuperei a posição de pesquisadora e entendi que mesmo o vazio podia significar uma oportunidade. Por que esta diferença tão brusca nas representações destes caminhos?

Existe sim, algo como uma experiência global da infância, mas é preciso sensibilidade para entender as heterogeneidades causadas por diferente contextos nos quais cada criança está inserida.Assim, me coloquei a pensar nas diferenças contextuais entre os grupos de crianças com os quais tive contato, para investigar possíveis motivações que levassem às diferenças nos resultados dos desenhos.

As crianças com as quais trabalhei entre 2018 e 2019 (que serão referidas como Grupo 1) estudavam em escolas públicas e se deslocavam até a escola, em grande maioria, a pé ou de moto. Já a escola Arco Íris (cujos alunos serão referidos como Grupo 2), local de estudo mais recente, é uma instituição educacional particular, próxima a bairros de classe alta. Os alunos do Grupo 2 responderam que se deslocavam até a escola de carro, com exceção de uma aluna que residia em um condomínio na mesma rua da instituição. Quanto a recortes de gênero e etnia, creio que demandariam uma abordagem mais minuciosa e delicada, portanto, não incluirei estes parâmetros nesta presente discussão.

Explorando melhor os arredores tanto da escola, como dos bairros citados como moradia das crianças do Grupo 2, é possível perceber tipologias específicas. São bairros de classes privilegiadas, com pouca vida urbana e praticamente sem equipamentos públicos, afastados do centro urbano, residenciais, dispostos em condomínios, verticais ou horizontais, todos murados e com forte esquema de vigilância, onde reside uma população de alto poder aquisitivo.

Comunidade próxima a uma das escolas nas quais foram aplicadas os mapas mentais. Na imagem, é início da manhã e as pessoas estão se deslocando até seus locais de trabalho e estudo. Bairro Altiplano Cabo Branco, 2018, João Pessoa - PB.

Os arredores da escola e bairros de moradia do Grupo 1 eram compostos de vida urbana mais ativa, com uso misto, equipamentos públicos (PSF, pontos de ônibus, praças), com residências próximas umas das outras e fachadas mais permeáveis. Em uma das escolas, as crianças moravam próximas a um campinho de futebol (imagem na página anterior), no qual brincavam sempre. Na outra escola, alguns alunos passavam por um trecho com bastante natureza. Esses elementos do seu cotidiano se faziam presentes nos desenhos.

Pode-se perceber como um dos contextos, apesar de mais abastado, é mais hostil, enquanto o outro, mesmo que mais singelo, é mais amigável. Para qual escola você iria a pé?

Estes cenários, atrelados a outros elementos, como infraestrutura precária das calçadas, grande fluxo de veículos, insegurança pessoal motivada pela delinquência e seus respectivos crimes, reforçada pelo esvaziamento dos caminhos e espaços, são alguns indícios das motivações que levam à pouca variedade de modais de transporte utilizados pelas crianças e redução da presença delas nas ruas (Cf. Druciaki e Mota, 2022, p.201).

O meio escolhido para a locomoção é um detalhe muito importante. O modal é responsável por mediar o nível de autonomia do contato entre criança e cidade. O carro, tanto protege, como isola a criança. A moto permite mais contato, ainda que passivo, mas deixa a criança mais vulnerável ao trânsito. O andar a pé permite muito mais apreensão do caminho e oferece mais oportunidades de interação, mas também é o modal que deixa a criança mais exposta. O ônibus e o VLT, diferente do carro, ainda requerem algum contato com a rua no caminho até o ponto de espera, permitem a interação com pessoas diversas e são usufruto de um serviço público, sendo uma expressão de um direito da criança como cidadã.

Dessa forma, podemos inferir que:

- Os contextos sociais e econômicos nos quais as crianças estão inseridas modificam sua percepção sobre a cidade, pois submetem a criança a enquadramentos específicos, que, sem comparativos, podem levá-la a uma compreensão limitada e distorcida sobre o meio urbano.

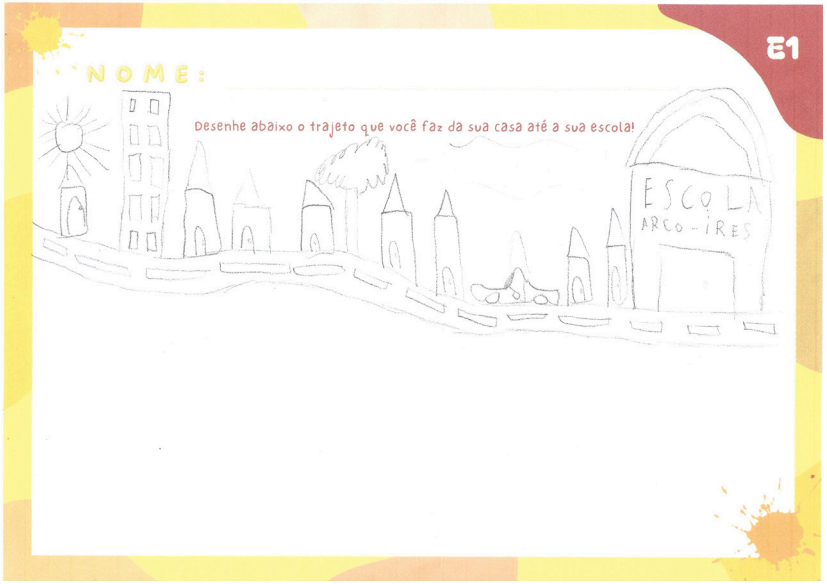
- Os modos como as crianças se deslocam pela cidade podem tanto restringir, como convidar a criança à vivência urbana.

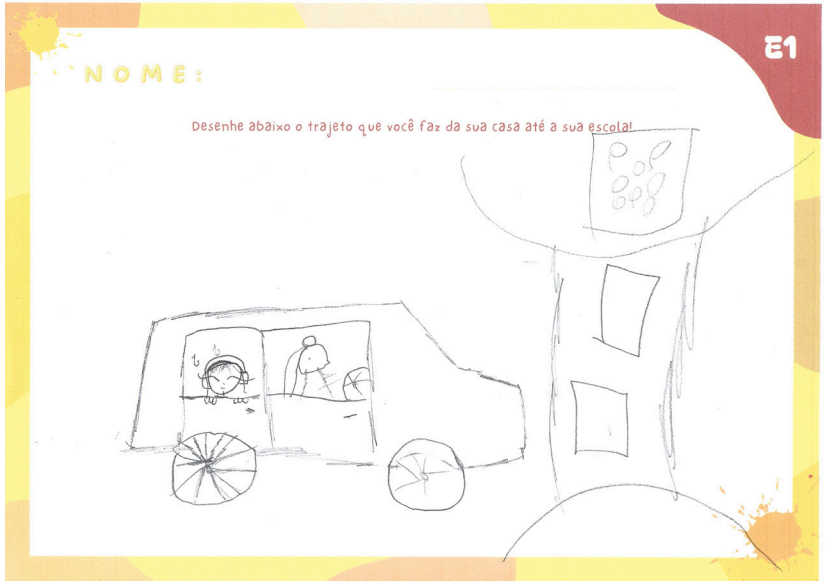
Através disso, conclui-se que a exposição da criança à diversidade da cidade, juntamente com a possibilidade de independência de mobilidade são alguns dos pilares para a construção e o exercício de uma cidadania infantil plena.

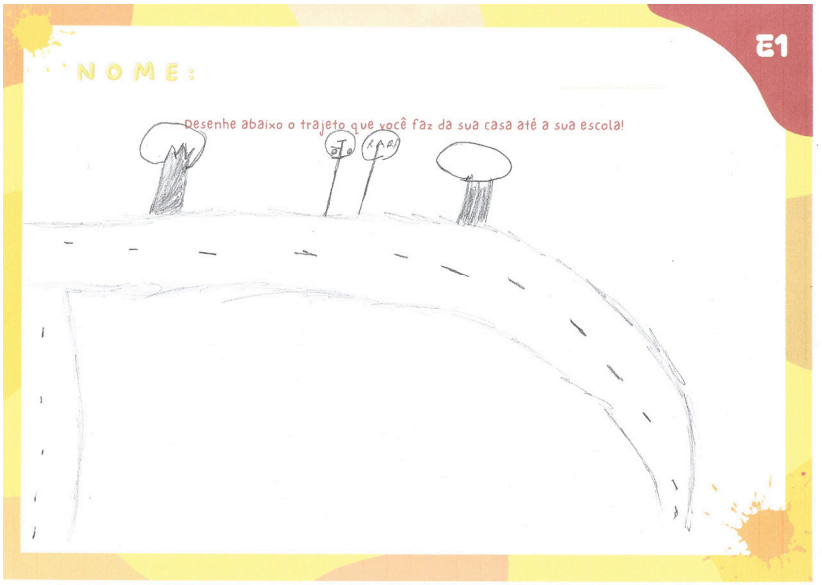
Urge, então, a aplicação de iniciativas que estimulem a redução da lógica motorizada e permitam que mais crianças se apropriem dos espaços públicos livremente, podemos citar, por exemplo, intervenções urbanísticas nas vias e nos espaços públicos; melhorias de equipamentos públicos na escala do bairro que atraiam as crianças; projetos pedagógicos que reestabeleçam o sentido de cidade com práticas de mobilidade ativas e seguras; criar mais condições para uso e permanência dos espaços da cidade, dentre outros. (Cf. Druciaki e Mota, 2022, p. 202)

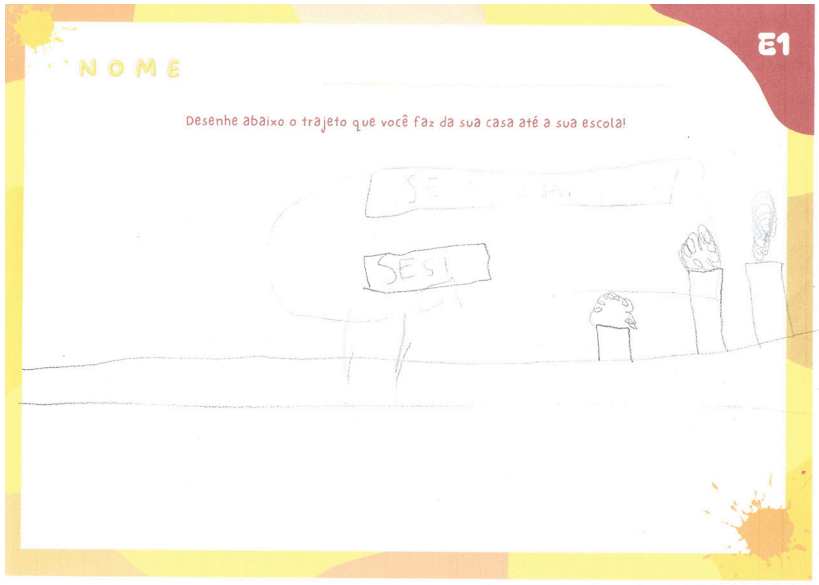
Sobral já mostra propostas nesse rumo, como as presentes no Volume 1 dos Guias Caminhos da Primeira Infância em Sobral, de nome “Entorno Escolares Seguros”. É importante entender até onde essas ações estão chegando e expandí-las, em prol de, um dia, estabelecer uma rede de mobildiade urbana segura e ativa para as crianças que vá além dos entornos e caminhos das escolas, mas que garantam uma cidade circulável, onde os pequenos e seus cuidadores escolham, por vontade própria, andar a pé.

Exemplos de desenhos coletados no encontro 01
Fonte: Arquivo pessoal da autora









encontro 02
a cidade

O segundo encontro foi montado com a intenção de apresentar alguns marcos da cidade e perceber quanta familiaridade as crianças tinham com os mesmos. A lista selecionada remetia, prioritariamente, a lugares históricos, praças, pontos turísticos, parques e outros lugares mais comumente conhecidos.

A forma escolhida para abordar este tema foi através de quebra cabeças. Esta decisão foi inspirada por um jogo utilizado em atividades com crianças na Casa do Capitão Mor.

Ao todo foram escolhidas 20 imagens, sendo cada quebra-cabeça composto por 4 peças. A aplicação da atividade na escola ocorreu no dia 07 de novembro de 2024, entre 15h30 e 16h10. A velocidade da montagem e do reconhecimento dos locais foi surpreendente, em menos de 10 minutos os alunos já haviam resolvido tudo. Durante o processo de montagem foi muito bonito ver a colaboração entre os colegas e a destreza enquanto juntavam os pedaços. Antecipavam os nomes dos locais antes mesmo de estarem montados, algumas vezes com apenas uma peça na mão já sabiam de qual lugar se tratava.

Os quebra cabeças resolvidos mais rápidos e também mais facilmente reconhecidos foram o Arco de Nossa Senhora de Fátima e a Casa do Capitão Mor, o que faz total sentido, já que são locais que possuem um fluxo constante de crianças, pois oferecem atividades voltadas a este público. Os locais que geraram mais dificuldade em serem reconhecidos e montados foram o Museu MADI de Arte Moderna e a Biblioteca Municipal, esta última esteve em reforma nos últimos anos, o que pode explicar o descoonhecimento acerca dela.

Ao serem questionadas, as crianças disseram que já estiveram em todos os locais apresentados, o que é ótimo, pois grande parte destes locais ou elementos tem uma importância para a infância, sejam eles modais de transporte público, patrimônios históricos tombados, equipamentos culturais, praças ou parques. É necessário pontuar que esse conhecimento prévio e imediato dos locais também pode ter sido incentivado por passeios realizados pela escola no ano de 2023 com as crianças, em homenagem aos 250 anos da cidade de Sobral.

Neste segundo encontro ficou claro como as crianças tomaram iniciativa na resolução do que foi proposto, demonstrando independência e bastante personalidade. Também foi possível notar a empolgação com uma atividade mais ativa, coletiva e desafiadora, provando como a brincadeira cativa a criança. Um outro ponto positivo notado foi que, ao procurar as peças para encaixar, as crianças iam notando detalhes nas cenas e, assim, descobrindo aspectos novos daqueles lugares.

Ao fim da atividade, perguntei qual era seu lugar favorito entre os apresentados. Em coro, responderam:

- O SHOPPING!

Design de alguns dos lugares utilizados para construção dos quebra-cabeças. Em sequência: Becco do Cotovelo, Santuário São Francisco de Assis, Museu MADI, Estátua de Belchior na Praça São João, Margem Esquerda, Casa do Capitão Mor, Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Centro, Arco de Nossa Senhora de Fátima e Sobral Shopping, Ao lado, as peças montadas na visita à escola.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A força com a qual as crianças responderam, sem titubear, “shopping!” à minha pergunta, apesar de não ser inesperada, ainda me tocou. Depois das respostas das crianças, fiquei com essa dúvida: o que tem de tão especial no shopping, que batia qualquer um dos outros lugares citados? Precisei ir até lá e descobrir isso. Me surpreendeu quando me dei conta de que o shopping tinha se tornado um império do entretenimento e consumo infantil. Lojas de jogos eletrônicos, carrinhos e animais elétricos, parquinhos temáticos, máquina de pelúcia gigante, lojas de guloseimas, chocolaterias. E então pensei:

- É realmente difícil competir com self service de Fini.

À primeira vista, pode-se pensar que é entretenimento inocente, e que, inclusive, seja ótimo que as crianças tenham um lugar seguro e climatizado para brincarem. Essa, provavelmente, é a lógica de muitos cuidadores ao levarem os pequenos ao shopping e as próprias crianças devem reforçar isso, pois os locais são estrategicamente montados para serem extremamente apelativos a elas. Para exemplificar, a seguir estão algumas fotos retiradas do perfil oficial do Sobral Shopping na rede social Instagram, que mostram algumas atividades voltadas a este público.

Mas será que esse movimento de crianças em shoppings é tão inocente assim? Existem agentes e interesses específicos por trás da lotação desses lugares e da predileção destes em vez dos espaços públicos da cidade. Dias e Ferreira alertam ao seguinte:

Como explica Oscar Sobarzo (2006), ao observar a cidade, podemos ler seus espaços públicos pela perspectiva da produção do espaço, que relaciona os campos da dominação e da apropriação a partir da política (poder público e elites), da acumulação de capital (novos produtos imobiliários, aumento da circulação de capital, questionamento da relação público-privada) e da realização da vida (práticas cotidianas).

Nesse sentido, os espaços são o resultado de uma dinâmica altamente complexa dominada pelos “produtores da cidade”, que a projetam, discutem e executam. Estes são representados não só por profissionais, como urbanistas, geógrafos etc., mas também pela força de atores das elites dirigentes, como políticos, administradores públicos, empresários e construtores. Utilizando os termos de Jürgen Habermas

> (1984), a esfera pública-política se desdobra no espaço público, assumindo-o como um espaço de dominação social. (Dias e Ferreira, 2015, p.122)

Em resumo, "o espaço envolve o poder e o poder significa controle e dominação" (Dias e Ferreira, 2015, p.122). Portanto, cabe mais uma reflexão: a quem interessa uma infância confinada aos shoppings?

Teresa Caldeira denomina espaços como esses de "enclaves fortificados", que seriam:

> espaços fechados e monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser shopping centers, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomìnios residenciais. Eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os "marginais", os sem-teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público. (Pastana, 2005, p. 186)

Se antes os shopping eram apenas lugares com lojas diversas, hoje se resolve tudo sem sair deles: academia, supermercado, lava jato, cartório, escola de línguas. O shopping materializa a sedução de entrar em uma bolha longe de qualquer problema urbano, onde o indivíduo possa cegar ao alheio e se preocupar exclusivamente com a satisfação de seus próprios desejos e necessidades.

Quando voltei a morar em Sobral, me choquei com a diferença do custo de vida por aqui. Supus que uma cidade menor tivesse preços mais acessíveis que uma capital e essa não foi a realidade que encontrei, parecia que se pagava mais caro por tudo. Me choquei ainda mais quando percebi que os preços elevados não eram diretamente proporcionais à qualidade entregue. Um dia, conversando com um amigo que mora na cidade há tempo, revelei essa impressão particular, à qual ele respondeu "Aqui é assim mesmo, Rosy. A elite sobralense paga caro para não se misturar." Então entendi que aqui se paga pelo prazer do higienismo classicista e não por qualidade, se busca a garantia de que você conviverá apenas com seus iguais.

O shopping simboliza a afirmação do capitalismo e do elitismo e a negação da diversidade. Quais valores são inspirados nas crianças com lazer restrito a um espaço como este? Que visão de mundo se cultiva nelas, em um lugar homogêneo, no qual a criança pode facilmente ser controlada e condicionada a uma narrativa limitada do que é a sociedade? O shopping é um lugar fabricado e não cultivado, assim como as plantas artificiais presentes nele. É um simulacro e um cenário, cuja atmosfera de fantasia esconde uma lógica discriminatória e alienante.

Se "a apropriação dos espaços urbanos pela infância pode contribuir tanto para a reelaboração da noção de cidade como espaço comum, igualitário e compartilhado, quanto para a construção e a vivência da cidadania na infância" (Dias e Ferreira, 2015), a predileção pelo shopping como espaço de lazer e convívio vai na contramão de tudo isso.

encontro 03
pequeno cidadão

Após conferir se as crianças conheciam os marcos de Sobral, passamos do local ao conceito: mas o que é uma cidade? Para apreender o entendimento dos pequenos sobre essa pergunta, a multiplicamos em duas outras: “do que é feita uma cidade?” e “como seria uma cidade perfeita?”.

Assim, o terceiro encontro ocorreu no dia 11 de novembro de 2024, entre 15h30 e 16h10. De longe, esse foi o encontro mais caótico, as crianças estavam muito agitadas e dispersas. Apesar disso, foi possível realizar uma dinâmica interessante e os os alunos foram bastante participativos.

A seguir, são apresentadas duas nuvens de palavras com as perguntas feitas e respostas dadas pelas crianças.

Na primeira pergunta as respostas contemplaram, em sua maioria, pontos de referência, serviços e locais concretos.

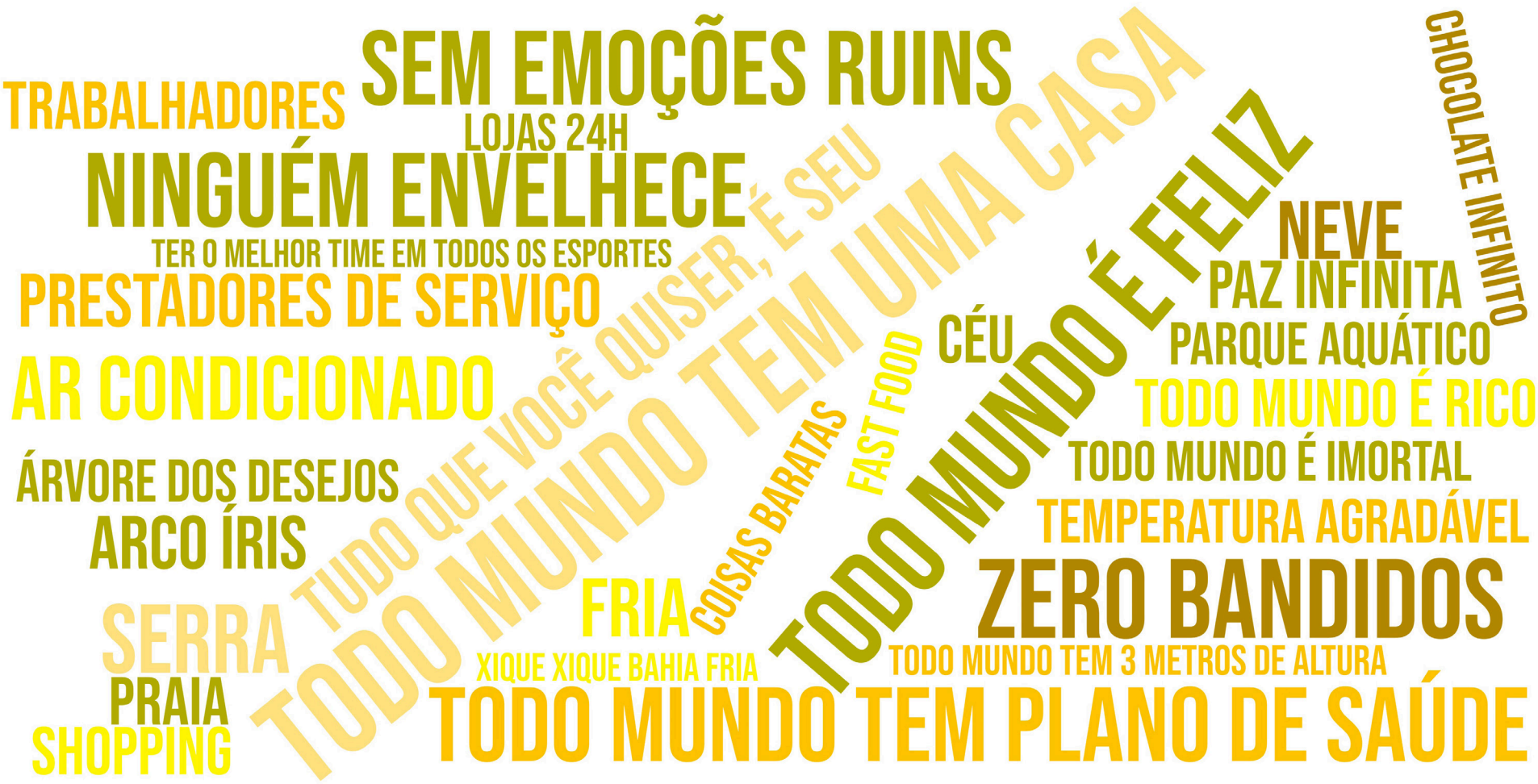
Antes da segunda pergunta, foram questionados sobre qual nome poderíamos dar a uma cidade criada por nós. Disseram que se chamaria Sol-Bral, e quem já passou pela cidade sabe que esse nome faz todo sentido. As respostas à segunda pergunta foram mais abstratas e fantasiosas, tivemos respostas bastante empáticas, desejando o bem para a população geral. É impossível não notar a repetição de referências ao clima, desejando que a cidade ideal fosse fria. Podemos supor, então que as condições climáticas são um fator ambiental que pode repelir o uso do espaço público pelas crianças. Outro ponto notável são as referências ao consumo, já discutidas no tópico anterior, presentes nas sugestões “lojas 24h”, “shopping” e “coisas baratas”.

Segundo Sarmento, o “mundo do faz de conta” integra a construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas”. Dessa forma, podemos perceber que a resposta à pergunta 01, com seu tom mais formal, contempla a cidade que é ensinada às crianças, ou como eles acham que deveriam responder certo à pergunta, quase uma resposta pronta, condicionada. Já o tom mais fantástico e abstrato das respostas à segunda pergunta exprime os desejos mais profundos das crianças para com sua realidade e sua cidade no geral. Guardam significações profundas sobre como seria a cidade em que gostariam de morar.

Olhando com poesia e delicadeza, podemos exergar desejos puros: os moradores da cidade perfeita não envelhecem, tem casa, plano de saúde e são imortais. A paz e o chocolate são infinitos. Nõ existem emoções ruins ou bandidos. A árvore dos desejos não deixa ninguém desamparado, pois tudo que você quiser, é seu. Como todos são ricos, então os trabalhadores e prestadores de serviço o fazem porque gostam. O arco-íris, o ceú, a praia, a serra nos indicam que essa cidade tem muita natureza e espaços livres. As crianças tem maturidade, consciência e opinião sobre a cidade, suas respostas nos mostra que elas desejam uma cidade onde todos os cidadãos tenham dignidade e sejam tratados como iguais. Uma cidade pacífica e segura.

Do que é feita uma cidade?

Como seria sua cidade perfeita? O que teria nela?



encontro 04
histórias

No último encontro, ocorrido dia 12 de novembro de 2024, entre 15h30 e 16h10, criamos uma história, a se passar na cidade ideal imaginada no encontro anterior. Nos sentamos em roda na quadra de esportes e a ideia seria que o trajeto contado nessa história seria feito por dois personagens, um menino e uma menina. As meninas criaram, então, a Raíssa, com franjinha, cabelo castanho claro, gostava muito de futebol, viajar, capivaras, coisas kawai, do Stitch e sushi. Os meninos criaram o Kléber, de olhos azuis, tagarela, baixinho, guloso, alegre, inteligente, que também gosta muito de futebol. É importante salientar que as crianças criaram sozinhas os personagens e a narrativa, com apenas uma pequena adição minha. Para permitir que todos participassem, a brincadeira se deu da seguinte forma: cada um adicionaria uma parte à história, quem viria a seguir seria decidido girando uma caneta no chão, até a ponta parar em alguém. A seguir, conto o tal passeio de Raíssa e Kléber pela cidade (não tão fictícia, como veremos) de Sol-Bral.

"Raíssa e Kléber eram amigos que haviam acabado de chegar de viagem. Os dois implicavam muito um com o outro.

Parte engraçada, pois no grupo realmente haviam um menino e uma menina que implicavam muito entre si.

Estavam indo para um campo de futebol, jogar bola. Ao terminarem o treino, pensaram em talvez pintar as unhas de Kléber.

Presença da brincadeira que eles gostam muito. Sempre que eu chegava na escola, era hora de intervalo e estavam sempre jogando bola.

Em vez disso, acabaram indo parar no centro da cidade. Pararam em uma loja, onde o atendente era o Alex Variedades, e compraram uma caixa de som.

O Alex Variedades realmente existe. É um homem de descendência asiática que tem uma loja que vende de tudo e costuma participar de vídeos de humor envolvendo influencers da cidade.

Saíram de lá e foram para uma praça, ao chegar lá, um bêbado apareceu e falou:

- Dá um dinheiro aí!

A ideia de estarem no centro, próximo ao Alex Variedades sugere que a praça em questão seja a Praça de Cuba. onde alguns moradores de rua costumam ficar.

Na praça estava acontecendo uma campanha de adoção de bichinhos[1], eles adotaram um cachorro caramelo.

1 Nesse momento da história, a caneta parou em mim. Apesar de relutar, as crianças insistiram para que eu participasse, então sugeri que na praça estava acontecendo uma campanha de adoção de bichos, o que, de fato, acontece de forma recorrente em praças da cidade de Sobral.

Entraram em um carro e foram até o Cristo ouvindo o Rap do Dácio na caixinha de som

Chegando ao Cristo, foram assaltados

Foram até a delegacia denunciar. Os policiais rastrearam o celular e acharam o ladrão. O policial o prende (e mata[2]).

Todos os criminosos se reunem e dançam ao som do Rap do Dácio"

O Rap do Dácio é uma música que um dos alunos fez e postou no Youtube. O Cristo falado na história se refere ao Alto do Cristo, monumento em Sobral, parecido com o Cristo Redentor. O monumento também dá nome ao bairro, considerado perigoso, então não é surpreendente que, no imaginário deles, esperassem ser assaltados lá.

A cidade da história dá indícios de ser, na verdade, a própria Sobral. Um ponto que me chamou atenção foi o imaginário quase que hostil que as crianças parecem ter sobre a cidade, como a forma que incluem o homem que pede dinheiro na narrativa e pressupõem que é um bêbado e também a situação do assalto em uma bairro com vulnerabilidade social.

2 Neste trecho, a criança sugeriu que o policial mataria a pessoa que cometeu o crime. Fiquei um pouco desconcertada e falei "porque você não pensa em outra alternativa?". A criança então respondeu que a pessoa seria presa.

Um tema presente em cada pedaço desse trabalho, infelizmente, foi a cultura do medo. Poderia, até mesmo, elegê-la como a maior vilã deste TCC. Seja no meu momento de ansiedade no passeio pelo centro no capítulo "Fulanear", seja no dizer "zero bandidos" à pergunta do encontro 03, seja na morte de quem roubou o celular na história do encontro 04, seja na predileção pelo shopping no encontro 02 ou na ida de carro até a escola no encontro 01. Tudo isso se relaciona com a cultura do medo.

Pastana, 2005, define cultura do medo como

> a somatória dos valores, comportamentos e do senso comum que, associados à questão da criminalidade, reproduz a idéia hegemônica de insegurança e, com isso, perpetua uma forma de dominação marcada pelo autoritarismo e pela rejeição aos princípios democráticos. (Pastana, 2005, p. 183)

A cultura do medo não se relaciona apenas com os índices de criminalidade. Na verdade, essas estatísticas são apenas bode expiatório para fortalecer o discurso utilizado por quem interessa legitimar uma lógica de dominação baseada no pânico generalizado da população.

> Uma destas formas de dominação é a de criar toda uma ideologia justificadora, que faz com que essa situação de autoritarismo seja vista como algo circunstancial e necessário. É diluir a opressão em contextos instáveis convencendo o oprimido de que ele está nessa situação não porque existem outros que o oprimem, mas porque vive em um ambiente hostil onde o preço de sua segurança é a arbitrariedade e o autoritarismo. (Pastana, 2005, p. 192)

A tendência ao isolamento é um dos braços da cultura do medo. Assim como Teresa Pires do Rio Caldeira aponta o uso de tecnologias de exclusão social e o afatamento da elite paulistana dos bairros tradicionais de São Paulo justificados pelo medo de violência e do crime (Pastana, 2005), vemos uma tendêcia semelhante na cidade de Sobral, seja pelo espraiamento da cidade rumo às serras com condomínios fechados de alto nível, pela expansão do loteamentento Morada dos Ventos, homogeneizado pela classe alta e sua arquitetura hostil ou pela construção de condomínios verticais de luxo.

> O novo meio urbano reforça e valoriza a desigualdade e a separação e é, portanto, um espaço público não-democrático. (Pastana, 2005, p. 188)

A confusão que temos construído, como aponta Caldeira apud Pastana (2005), é achar que "a sensação de segurança não depende tanto da ausência do crime mas da distância social" (Caldeira, 2000, p.19). Temos aqui, também, um recorte de classe, pois enquanto a elite substitui o espaço público por espaços privados, como shopping centers, ao pobre resta apenas a prisão à própria moradia (Pastana, 2005).

O isolamento dos indivíduos pelo medo causa o distanciamento da cidade, que é a condutora da cidadanina. Isolados, perdem a noção e o contato com outros cidadãos e abrem mão de sua responsabilidade social e cívica. Passa-se a acreditar que a realidade é apenas o recorte de suas bolhas e telas.

A imprensa cumpre um grande papel na manutenção dessa estrutura de desinformação, sensacionalizando crimes violentos, gerando histeria, aumentando histórias, cultivando na população uma narrativa distorcida de uma cidade apavorante.

O terror incubido e midiatizado na ideia de um espaço público inseguro é força de manobra para justificar o combate à violência a qualquer custo, alimentando "o desejo por punições, em especial punições mais rigorosas. Sobre esse fato ensina a jurista Maria Lúcia Karan (1994) que tais mecanismos ideológicos, que legitimam o poder punitivo do Estado, propagam a falsa idéia de que a imposição deste sofrimento irracional aos autores das condutas conflituosas ou socialmente negativas, que a lei define como crimes, pode trazer proteção, segurança e tranqüilidade." Pastana, 2005, p. 196). Podemos reconhecer isso na fala da criança que sugere a morte da pessoa que roubou o celular. Importante notar, inclusive, que como essa fala destoa muito do tom das interações anteriores com as crianças, nas quais elas desejam um bem coletivo, é muito provável que represente a reprodução de algum discurso escutado por ela na mídia ou de um cuidador. Se não cultivado um senso crítico na criança, ela pode crescer pensando que essa é a forma de resolução correta dos conflitos, internalizando que violência se responde com violência e fechando os olhos a toda a estrutura de desigualdade social que sustenta o crime e que, de fato, é a grande responsável por ele.

Pastana confirma este aspecto alienante da cultura do medo, que tira a atenção de outras situações responsáveis por graves problemas sociais. Sendo assim, um mecanismo que se retroalimenta, reforçando a insegurança.

Fotografia feita pela autora em 2018, no bairro Altiplano Cabo Branco

> Um dos paradoxos da cultura do medo é que ignoramos problemas sérios, que realmente geram perigo. O crescente abismo entre riqueza e pobreza mata muito mais do que doenças do coração, câncer ou assassinatos (Pastana, 2005, p. 190).

O pânico sobre o diferente se instaura e tudo que não for igual, representa perigo. Isso incentiva a população a legimitar diversas formas de preconceito e discriminação. A cultura do medo vai na contramão de uma sociedade inclusiva, empática e igualitária.

Como, então podemos combatê-la? Em primeiro lugar, é importante ter em mente que a lógica individualista apenas reforça a insegurança e que o passo inicial para uma cidade segura é recuperar nosso senso de comunidade, lutando contra estigmas e preconceitos e cultivando espaços abertos, amigáveis, comuns e inclusivos. Podemos combater a cultura do medo nos apropriando da cidade, lutando por nossos direitos e pressionando os agentes de dominação da cidade, como planejadores urbanos, políticos, e gestores. A pandemia mostrou o quão cruel é o isolamento forçado, então precisamos honrar nossa liberdade e direitos, ensinando nossas crianças pelo exemplo, para sejam eles desde pequenos, cidadãos também. O exercício de nossa cidadania é a solução de maior eficiência que temos contra a cultura do medo.

desenvolvimento do caderno de atividades

Como pudemos observar, os encontros com as crianças foram muito ricos e permitiram uma melhor compreensão sobre sua forma de pensar e seus modos de comunicação. Realmente é imprescindível o contato atento com as crianças para realizar algo voltado a esse público.

Cruzei a experiência adquirida nas visitas com a tabela de encontros criada originalmente, para entender o que consideraria útil ou não manter e como adequar as brincadeiras presenciais ao caderno de atividades.

Nele mantive a mesma sequência de quatro temas, acrescentando apenas uma parte introdutória, para apresentar o material e também permitir que a criança se apresente, e crie uma camada de vínculo com o caderno.

Como título, escolhi brincar com a mescla entre Sobral e brincar, originando o nome **Sobrincar**. O resultado final é um ensaio sobre o que esse caderno pode ser, pois muitas outras brincadeiras e atividades podem ser criadas em cima dele. Ele pode ter tanto fução de diagnóstico urbano, como ter um fim em si, apenas pela brincadeira.

Para gerar identificação, foram criados dois personagens para acompanhar as crianças durante o caderno, a Sol (representa o calor humano e o clima da cidade) e o Bel (homenageia um filho ilustre dessa terra, Belchior).

acesse o caderno de atividades completo através do QR Code ao lado:

Personagens do caderno de atividades: Bel e Sol

Capa da versão final do caderno de atividades

A seguir, estão listadas as partes do caderno e as mudanças significativas entre ideia e resultado final em cada tema. Recomendo que você leia esta parte enquanto acompanha o caderno, disponível no QR Code da página anterior:

Parte 1: Vamos nos conhecer?

A inclusão dessa parte se deu pela necessidade de apresentação do projeto e para conhecer a crianças, delimitar sua personalidade, gostos, para quebrar o gelo e permitir a criação de um vinculo, pois é bom que a criança possa se sentir confortavel e íntima para começar a criar dentro do caderno.

Parte 2: Nossos caminhos!

Nesta parte são produzidos o mapa mental do encontro 1, assim como o mapa mental previsto no planejamento original doquadro de encontros. Sendo o primeiro, representanndo o quelembram do trajeto e o segundo um novo mapa depois de refazer o trajeto com mais atenção. Ao fim desta parte também ficam disponíveis espaços para a criança montar outros mapas.

Parte 3: Vamos passear?

Nesta parte estão disponíveis os quebra cabeças para recortar e montar. há paginas com a marcação dos quebra cabeças onde as crianças podem colar as peças depois de montarem, assim como um espaço para colar os nomes dos lugares e depois adicionar algum comentário sobre ele, que elas podem descobrir perguntando, pesquisando ou relatando alguma impressão ou vivência. Depois, há sugestões de trajeto para fazerem com o cuidador ou amigos, contendo alguns dos lugares dos quebra cabeças. Ao fim desta parte, também foram disponibilizadas páginas para que a criança compartilhe sobre lugares marcantes do seu próprio bairro.

Parte 4: Uma cidade nossa

Nesta parte se pede para a criança comentar o que é uma cidade e o que tem nela e depois, criar uma cidade ideal. No fim do capítulo há um espaço de foha dupla para que a criança se aproprie como bem entender e represente essa cidade ideal criada.

Parte 5: Hora da história

Na parte final, as crianças devem criar personagens e depois uma história, a se passar na cidade ideal criada no capítulo anterior.

considerações finais

Concluo este trabalho ao som de Belchior e penso que sua música emociona pela tradução certeira da visceralidade do estar vivo. Assim como ele, nossa alucinação é suportar o dia e dia e nosso delírio também é a experiência com coisas reais. A partir disso, defendo que "qualquer canto é menor que a vida de qualquer pessoa" e que cada cidadão, munido de suas vivências e particularidades carrega potenciais cartográficos preciosíssimos, merecendo atenção. A maior lição que aprendi nestes anos de curso é que a escuta e a compaixão são os pilares para a construção de um meio urbano verdadeiramente humano. Espero, então, que este escrito possa inspirar a sensibilização dos alunos de arquitetura como usuários do espaço, não somente planejadores deles, assim como parte de uma comunidade interdependente, onde cada um possui valor inestimável. E que os leitores deste trabalho em geral possam olhar de forma diferente a infância a partir de agora, oferecendo o respeito e as oportunidades de participação que lhes são merecidos.

Esse trabalho também é uma celebração à multidisciplinariedade da arquitetura e do urbanismo, uma área de riqueza absurda, que possibilita o cruzamento de tantas naturezas diferentes.

"Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
Garotas dentro da noite, revólver, cheira a cachorro
Os humilhados do parque com os seus jornais

Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
E a solidão das pessoas dessas capitais
A violência da noite, o movimento do tráfego
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais
Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, play it cool, baby
Doze jovens coloridos, dois policiais

Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida
Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida

Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe, o profeta do terror que a Laranja Mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais"

Alucinação - Belchior

referências

ALVES, R. **É brincando que se aprende.** 2002. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u258.shtml

AMÂNCIO, N. F. G. et al. **Impactos da pandemia para o desenvolvimento infantil: Uma revisão bibliográfica**. Research, Society and Development, v. 12, n. 2, p. 1-8. 2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.** Brasília, 2017.

CLARET, Martin. **O pensamento vivo de Picasso.** São Paulo: Martin Claret, 1985.

COELHO, P. **O alquimista**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A **brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento.** Estudos e Pesquisa em Psicologia, Rio de Janeiro, ANO 7, N. 1, Dez. 2007.

CRAEMER, U. **O brincar na comunidade. In: MEIRELLES, R. Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. Editora Contexto, 2010.

DIAS, M. S.; FERREIRA, B. R. **Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, V.17, N.3, p.118-133, Set.-Dez., 2015

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Editora paz e terra, 2007.

FRIEDMANN, A. **O olhar antropológico por dentro da infância. In: MEIRELLES, R. Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

GARCÍA MÁRQUEZ,G. **Cem anos de solidão**. Editora Record, 2021.

GENIFERGERHARDT. **Caminhando com tim tim**. Youtube, 17 de dez. de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI

GIL, Gilberto. **Refazenda**. Philips 1975. Disponível em: https://gilbertogil.com.br/noticias/producoes/detalhes/refazenda/

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LAMEIRÃO, L. **Ninguém é tão grande que não possa aprender nem tão pequeno que não possa ensinar. In: MEIRELLES, R. Território do brincar: diálogo com escolas.** São Paulo: Instituto Alana, 2015.

LIMA, A. G. G. Lima; LOEB, R. M. **Cidade, gênero e infância**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2022.

LOPES, F; MADEIRA, R; NETO, C. **O Direito das Crianças à Cidade apropriada como lugar de Liberdade e de (inter)Ação**. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número Temático - Direitos das crianças: abordagens críticas a partir das ciências sociais, pp. 3152.

MEIRELLES, R. **O Território do Brincar em um encontro com o educador. In: MEIRELLES, R. Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

MENDONÇA, E. M. S. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.296306, ago. 2007

PASTANA, D. R. **Cultura do medo e democracia: Um paradoxo brasileiro**. Revista Mediações Londrina, V. 10, N. 2, P.183-198, Jul./Dez. 2005.

ROLIM, A. A. M; GUERRA, S. S, F; TASSIGNY, M. M. U**ma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

SARMENTO, M. J. **Infância e cidade: restrições e possibilidades**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago., 2018.

SARMENTO, M. P. M. J. **As crianças - Contextos e Identidades**. Centro de estudos da criança, 1997.

SILVA, D. R; MELLO, S. C. B; BASTOS, A. F. S. **Direito da criança à cidade: reconstrução teórica e aplicação em contextos urbanos diversificados**. Revista Brasileira de Gestão Urbana, vol. 16, 2024.

SOBARZO, **O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação**. Revista GEOUSP, São Paulo, n. 19, p.93-111, maio 2006.

SOBRAL, Prefeitura municipal de. **Plano municipal para a infância e a adolescência (PMIA) do município de Sobral/CE**. Sobral, 2014.

SOBRAL, **Prefeitura municipal de. Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI)**. Sobral, 2022.

SOBRAL. Prefeitura Municipal de Sobral (2021). **Caminhos da Primeira Infância em Sobral: Volume 1 - Entornos escolares seguros.**

SOBRAL. Prefeitura Municipal de Sobral (2021). **Caminhos da Primeira Infância em Sobral: Volume 2 - Espaços naturalizados.**

TEDX TALKS. **Território do Brincar** | Renata Meirelles. Youtube, 2 de dez. de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nWbcLVzmj7E

VASCONCELOS, A. R. **Cidade e criança: estudos de espaços públicos de Fortaleza sob a ótica brincante infantil**. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design (PPGAU+D), Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2022.

VELOSO, M. T. **Crianças na cidade - Participação infantil no planejamento e gestão das cidades: Novas Espacialidades, Autonomia, Possibilidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Minas Gerais, 2018.

anexos

anexo 01: quadro de encontros

SEMANA	ENCONTRO	DESCRIÇÃO/ESTÍMULO ATIVO/DEBATE	OBJETIVO/MATERIAIS
1 Consciência dos trajetos	1	Nesse primeiro encontro, começar com a parte discursiva, conhecendo as crianças e aprendendo de forma atenta sobre elas. Só depois, pedir para que façam os mapas mentais preliminares. **Estímulo ativo:** Pedir para que desenhem mapas mentais do percurso casa - escola e retratem as coisas que as marcam nesse trajeto. **Parte discursiva:** Me apresentar, apresentar como vai funcionar o processo e conhecer os alunos. **Extra:** Pedir para que nas próximas vezes que fizerem o percurso casa - escola, prestem atenção ativamente e percebam o que chama atenção no caminho e as emoções que esses elementos evocam.	**Materiais:** Papel, lápis grafite, borracha, cada criança pode usar o que estiver à disposição no próprio estojo ou na sala. . Levar folha já impressa na quantidade correta de alunos, descrevendo o que devem fazer e com espaço para nome. Levar também folhas com espaço para anotar as informações de cada aluno. **Opcional:** Lápis de cor, hidrocor. **Objetivo:** Conhecer cada aluno e entender mais da realidade e personalidade de cada um. Avaliar, sem nenhuma interferência, o que chama atenção das crianças em seus trajetos. Isso pode informar sobre as vivências e perspectivas de cada um.
	2	**Estímulo ativo:** Redesenhar o percurso, agora com maior consciência. **Parte discursiva:** Pedir para cada criança apresentar seus dois desenhos. Conversar sobre o que chamou atenção no primeiro e segundo momentos. Que emoções esses trajetos evocam? Como você explicaria seu trajeto para outra pessoa?	**Materiais:** Papel, lápis grafite, borracha, cada criança pode usar o que estiver à disposição no próprio estojo ou na sala, levar folha já impressa na quantidade correta de alunos, descrevendo o que devem fazer e com espaço para nome. **Opcional:** Lápis de cor, hidrocor. **Objetivo:** Avaliar, agora com uma interferência e esforço ativo, o que chama atenção para cada criança. Perceber o que muda entre os dois mapas. Se as crianças fossem incentivadas a olhar mais sua cidade, o que importaria para elas?
2 Sobral	3	**Estímulo ativo:** Montar quebra-cabeça de elementos marcantes de Sobral. Contar um pouco sobre esses elementos. (os quebra-cabeças podem formar, na frente, as imagens dos locais, e, atrás, ter uma breve descrição com curiosidades) **Parte discursiva:** Depois de montados, ver se eles identificam os elementos e se tem histórias para contar sobre eles. Perguntar se eles já passearam em Sobral e como se sentiram. Perguntar sobre lugares, no geral, que conhecem. Entender se reconhecem apenas o perímetro imediato do próprio bairro ou se reconhecem/lembram/já estiveram em outros lugares. Quem acompanha eles? Como eles passeiam por esses lugares?	**Materiais:** Quebra-cabeça produzido por mim. Fita adesiva para unir as peças em definitivo. **Objetivo:** Entender a abrangência do conhecimento das crianças sobre a própria cidade.
	4	**Estímulo ativo:** Idealmente, um passeio por algum lugar da cidade, seria interessante passear pelo Centro. Montar o mapa. Praça de Cuba - Praça do Teatro São João. - Arco Na Sra Fátima. Roteiro alternativo: Parque da Cidade. **Parte discursiva:** Esse encontro seria apenas prático, no próximo, aprofundaremos a discussão. **Extra:** fazer um desenho sobre algo que te marcou no passeio, acompanhado com uma pequena redação (um ou dois parágrafos).	**Material:** Água, protetor solar, chapéu/boné/guarda-sol. Montar o mapa do trajeto ideal e do trajeto alternativo + criar documento para os pais assinarem no encontro anterior, permitindo o passeio + criar a folha com espaço, em um verso, para o desenho e no outro, para o texto falando sobre o passeio. **Objetivo:** Incentivar, na prática, um olhar atento à cidade. Expor as crianças aos diversos estímulos urbanos.

3 Pequeno cidadão	5	**Estímulo ativo:** Mostrar alguma mídia curta, entre 5 a 10 minutos. É possível? Se não, pode acontecer uma contação de histórias com algum livro sobre uma experiência na cidade. Ver os do Casacadabra. **Parte discursiva:** Conversar sobre o passeio, recolher as redações e desenhos. Que coisas sobre a cidade você notou no passeio? Coisas boas e ruins? O que mudaria?	**Materiais:** Projetor, se possível. Pendrive com mídia, notebook talvez. Ou livro para contação de histórias. Fazer seleção de possíveis mídias e livros para serem usados **Objetivo:** Coletar informações sobre como foi essa experiência prática e se/como a perspectiva das crianças tem se transformado ao longo dos encontros.
	6	**Estímulo ativo:** Criar um painel com coisas que vão ter na nossa cidade perfeita. Criar um nome para essa cidade. Pode desenhar, escrever, tudo vale. **Parte discursiva:** De que é feita uma cidade? O que é uma cidade? Como seria uma cidade perfeita? Na minha cidade tem/Na minha cidade não tem. Conversar sobre a cidade criada por eles no painel produzido.	**Materiais:** Cartolina, pincéis, lápis grafite, lápis de cor, adesivos, imagens, cola. levar imagens recortadas (ou adesivos (ver o que sai mais barato)) para essa aula, de elementos presentes em uma cidade, de coisas da própria cidade de Sobral, de elementos presentes nas falas e histórias que contaram ao longo dos encontros, podem ser coisas reais ou fantasiosas. **Objetivo:** Colocar as crianças em uma postura ativa sobre a cidade. Passam de observadores a agentes da criação da cidade.
4 Contando histórias	7	**Estímulo ativo:** Montar sua versão da Princesinha do Norte e do Belzinho **Parte discursiva:** Disponibilizar imagens de lugares no chão (cenários da cidade, pontos turísticos). Pedir para cada aluno escolher um e contar uma pequena história acontecendo naquele lugar. Pode também ser uma história que acontece no próprio bairro, o que importa é que seja uma história acontecendo em algum lugar da cidade em que já estiveram.	**Materiais:** Base dos personagens no papel, elementos para adicionar e personalizar cada bonequinho. Imagens impressas dos lugares. Ilustrar bonecos e elementos de personalização, selecionar imagens dos lugares de Sobral a serem impressas **Objetivo:** Na atividade com a Princesinha do Norte e com o Belzinho, estimular um olhar para si, a montagem do personagem é quase um exercício de projeção. Na parte discursiva, a ideia é fazer a criança se colocar num lugar de construtora da narrativa, pensando ativamente no quê, como e onde.
	8	**Produto final:** Construção coletiva de uma história. Estratégia: a mediadora começa a história, contendo as personagens já apresentadas e cada aluno vai continuando um pedaço.	**Objetivo:** A partir do vínculo cultivado durante o mês de encontros, criar uma história coletiva que represente os aprendizados e a construção coletiva dessa experiência vivida